

VOLUME 02 | NÚMERO 01 | JANEIRO DE 2022 | EDIÇÃO MENSAL  
ISSN: 2674.3751

SUPLEMENTO  
**ARAÇÁ**

MOVIMENTO  
TROVADORESCO

por Rui Aniceto

LINHA DE FRENTE

Por Livia Jacob

LITERATURA DE LÍNGUA  
PORTUGUESA: O  
HIPERTEXTO DO MUNDO

por Erick Bernardes

**Suplemento**

# **Araçá**

Vol.02 – nº01 – Jan./2022

ISSN: 2764.3751

**Editora**  
**P&P**

## EXPEDIENTE

**-Editor Responsável / Organizador:**

Renato da Silva Cardoso

**-Editores:**

Carina Lessa, Erick Bernardes, Juliane Elesbão e Lívia Penedo Jacob.

**-Conselho Editorial:**

Carina Lessa, Erick Bernardes, Juliane Elesbão, Lívia Penedo Jacob e Renato Cardoso.

**-Diagramação e Arte Final:**

Renato da Silva Cardoso

**-Revisão:**

Carina Lessa, Erick Bernardes, Juliane Elesbão, Lívia Penedo Jacob e Renato Cardoso.

**-Colunistas:**

Angela Moreira, Altamir Lopes, Carina Lessa, Daúde Amade, Erica Costa, Erick Bernardes, Ivone Rosa, Juliane Elesbão, Lívia Penedo Jacob, Lucas Salgueiro, Renato Bruno, Rui Aniceto, Oswaldo Eurico e Renato Cardoso.

**Conselho Editorial:**

**Carina Ferreira Lessa.** Doutora em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela UFRJ. Professora de graduação e pós-graduação da Unesa nos cursos de Direito, Relações Internacionais, Pedagogia e Letras. Lattes: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=B3C675D55861C4230A7B108024A7EE55#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=B3C675D55861C4230A7B108024A7EE55#) – E-mail: [lessa.carina@gmail.com](mailto:lessa.carina@gmail.com) / [carina.lessa@estacio.br](mailto:carina.lessa@estacio.br)

**Erick da Silva Bernardes.** Mestre e Especialista em Estudos Literários pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0830203973792146> – ID Lattes: 0830203973792146 – E-mail: [ergalharti@hotmail.com](mailto:ergalharti@hotmail.com) – Site: <https://escritorerick.weebly.com/>

**Juliane de Sousa Elesbão.** Doutora em Literatura Brasileira (UERJ) e Mestra em Literatura Comparada (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1712406315924003> – E-mail: [julianeelesbao@gmail.com](mailto:julianeelesbao@gmail.com).

**Lívia Penedo Jacob.** Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ) e mestra em Estudos da Linguagem (PUC-Rio). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2551535779649028> – E-mail: [pjlivia@gmail.com](mailto:pjlivia@gmail.com) – Site: <https://cidadelaliteraria.wordpress.com>

**Renato da Silva Cardoso.** Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. Graduado em História e Graduando em Psicanálise

pelo Centro Universitário Internacional. ID Lattes: 5101246738858367 Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/5101246738858367> - E-mail: professorrenatocardoso@gmail.com

**Publicação:** Mensal

Vol.01 – nº01 – Dez.2021

**Contatos:**

E-mail: [suplementoaraca@gmail.com](mailto:suplementoaraca@gmail.com)

Site: [www.entrepoetaspoesias.com.br/suplementoaraca](http://www.entrepoetaspoesias.com.br/suplementoaraca)

WhatsApp: (21) 99473635

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Bibliotecária: Simone Conceição da Silva Costa CRB-7/6301

S959      Suplemento Araçá. – São Gonçalo: P&P, ano 1. n.1, 2021.

Digital.

ISSN: 2764-3751

Inclui bibliografia

1. São Gonçalo (RJ) - Literatura. 2. Brasil - Literatura. I. Título.  
II. Revista e Editora "Entre Poetas & Poesias.

B869



*Editora P&P – Rocha, São Gonçalo – Rio de Janeiro –  
CNPJ: 27.777.540/0001-32 - ISSN: 2764.3751 –  
[www.entrepoetaspoesias.com.br/suplementoaraca](http://www.entrepoetaspoesias.com.br/suplementoaraca)*

## Editorial

Araçá – Suplemento Literário é um projeto da Revista e Editora “Entre Poetas & Poesias” criado com o objetivo de divulgar e propagar a arte a todos os cantos do Brasil e do mundo. Um periódico cultural que nasceu para tornar o cotidiano dos leitores mais suave, com mensagens líricas, filosóficas, entrevistas, textos ficcionais, artigos acadêmicos, debates educacionais, entre outros.

Criado em dezembro de 2021, pelo professor Renato Cardoso, o suplemento conta com uma equipe fantástica, formada por profissionais de diferentes áreas, visando gerar um conteúdo informativo e de qualidade para todos que aqui chegarem. Desse modo, buscamos nos tornar uma referência no fornecimento deste tipo de conteúdo no território nacional.

A Revista Suplemento Araçá, periódico digital de publicação mensal, não cobra nenhuma taxa para publicar qualquer material. Todos os colunistas e colaboradores desta edição autorizaram a publicação de seus respectivos textos, sendo a eles atribuída toda a responsabilidade por seus conteúdos. Pretendemos, acima de tudo, abrir espaço para que você, leitor, possa publicar seus textos literários. Para isto, basta nos enviar para o e-mail: [suplementoaraca@gmail.com](mailto:suplementoaraca@gmail.com).

Recebemos, ainda, artigos e resenhas inéditos somente em língua portuguesa. A temática é livre, a contribuição deve ser

preferencialmente inédita e respeitar as seguintes diretrizes:

### 1) EXTENSÃO

CONTAGEM TOTAL DE CARACTERES COM ESPAÇO, incluindo referências bibliográficas e notas:

Artigos: entre 3 e 10 laudas.

Resenhas: entre 2 e 5 laudas.

Textos ficcionais: não havendo limites, contamos com o bom-senso dos autores.

*\*TEXTOS ACIMA OU ABAIXO DESSES LIMITES SERÃO RECUSADOS.*

### 2) FORMATAÇÃO

Arquivo Word; Página A4; margens 2,5 cm; espaço entrelinhas 1,5; alinhamento justificado; fonte Times New Roman; corpo 12. Recuo especial de 1,25 na primeira linha dos parágrafos. Citações com até 3 linhas no corpo do texto entre aspas; citações com mais de 3 linhas destacadas com recuo de 4 cm, corpo 11, espaçamento entrelinhas simples e 1 linha vazia acima e abaixo. Notas de rodapé em corpo 10, fonte Calibri e alinhamento justificado. Referências bibliográficas no corpo do texto entre parênteses no sistema autor-data – NBR 10520:2002 da ABNT: (SOBRENOME, ANO, p. xx), e NÃO nas notas. Corpo do texto com notas de rodapé apenas para observações essenciais (referências bibliográficas no corpo do texto).

Abaixo do título principal do texto deverá constar o(s) nome(s) do(s) autor(s) e, em nota de rodapé, sua(s) minibiografia(s).

### **3) TÍTULOS**

Título do trabalho com maiúsculas só para letras iniciais, alinhamento justificado, sem negrito, tamanho 14. Subtítulos (se houver) em negrito, com maiúsculas só para letras iniciais, tamanho 12. Referências bibliográficas devem aparecer após a palavra “Referências”, digitada em negrito, maiúsculas só para a primeira letra, tamanho 12.

### **4) OBSERVAÇÕES**

As páginas NÃO devem ser numeradas. Grifos em itálico ou entre aspas, NÃO em negrito; Todas as citações em idioma estrangeiro devem ser traduzidas para português; Caso o autor deseje incluir o trecho original da citação, deve fazê-lo nas notas de rodapé (a tradução fica, obrigatoriamente, no corpo do texto); Imagens serão aceitas quando essenciais para o trabalho, porém não devem exceder o máximo de SEIS imagens, devidamente numeradas e legendadas no corpo do texto (e NÃO em anexos). O tamanho dos arquivos não deve ultrapassar 5MB.

### **5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Conforme as normas da ABNT (NBR 6023).

### **6) DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

1. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
2. Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), devendo reconhecer autoria e publicação inicial nesta revista, quando for o caso.
3. Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

### **7) POLÍTICA DE PRIVACIDADE**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

## Sumário

### - Artigos & Ensaios:

---

- ✓ Literatura de língua portuguesa: o hipertexto do mundo, de Erick Bernardes - p. 07
- ✓ Sobrevida e resquício familiar em *De Cócoras*, de Silviano Santiago, de Carina Lessa - p.15
- ✓ “É preciso ensinar literatura?”, de Juliane Elesbão - pág. 24
- ✓ Subsídios para a história do Movimento Trovadoresco em São Gonçalo, de Rui Aniceto - p. 28

### - Crônicas & Opiniões:

---

- ✓ O Portal do Tempo, de Ivone Rosa - p.33
- ✓ Bons profissionais são bons seres humanos, de Erica Costa de Barros – p. 37
- ✓ Não é falta de educação, é falta de amor, de Altamir Lopes - p. 39
- ✓ Clarice nos ajuda a lembrar dos problemas da clareza, de Lucas Salgueiro Lopes – p.41

### - Contos:

---

- ✓ Linha de frente, de Livia Penedo Jacob - p. 44
- ✓ O jovem que ficou trancado do lado de fora, de Angela Moreira - p. 55
- ✓ O fio de Ariadne, de Oswaldo Eurico - p.69

### - Resenhas:

---

- ✓ *A revolução dos bichos* – Um sonho de igualdade, de George Orwell, de Renato Cardoso - p. 57
- ✓ *Karinganas do Índico*: quando o texto é pele, de Livia Penedo Jacob - p. 62
- ✓ *O Romance que não foi lido*, de Juliane Elesbão - pág.66

# **LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA: O HIPERTEXTO DO MUNDO**

---

*Erick Bernardes<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Mestre e Especialista em Estudos Literários pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ.



Sabe-se que os acessos instantâneos aos meios de informação, bem como as leituras aceleradas fomentadas por suas plataformas digitais, exemplificam muito bem certas mudanças no processo educativo e na comunicação como um todo. A quantidade de inovações concernentes às tecnologias disponíveis ao leitor sinaliza a urgência de “certa” maleabilidade para lidar com estudantes e seus respectivos saberes, estendendo essa necessidade para além do panorama acadêmico e escolar, isto é, o dia a dia do docente se mostra indissociável da conjuntura educacional, a tecnologia cibernética se tornou também um campo de pesquisa necessário ao que se convencionou chamar de universo digital. Isso leva o professor de língua portuguesa a reconhecer a importância salutar da literatura digitalizada no âmbito da educação. Dito de outra forma, docentes e especialistas na área educativa necessitam se adaptarem compulsoriamente à exigência do panorama global de educação e, com isso, a obra literária (de suporte digital) assume relevante papel. Mas, que papel é esse que os tempos de hoje exigem tanto assim do professor de língua portuguesa?

Respondemos: é o papel do docente como provocador de olhares mais críticos com relação aos diversos gêneros de textos disponíveis nas mídias de internet, e é aí que entra a literatura, ou seja, os textos de criação – contos, crônicas, romances, novelas e poemas (principalmente poemas) – avultam junto às bases eletrônicas de comunicação. Não está claro que há um fenômeno de novos poetas amadores em destaque nas redes? Qualquer *blog* pessoal contém o seu verso ou “narrativa de si”, do outro, dos outros, como um tipo de diário disponível ao público. E as conversas escritas nas plataformas são tantas, frequentemente inventadas, por vezes nem se sabe o que são verdadeiramente. Mas são textos, sejam eles impressos ou eletrônicos – com uma abordagem *extra-muros* escolares e acadêmicos. Soma-se a isso o fato de que, ao lidar com as multiplicidades de linguagens, educandos e educadores fazem mesmo jus ao termo “navegar” na internet, pois é mais que preciso hoje esse modo de se lançar ao mundo do outro, conforme há muito nos adiantou Fernando Pessoa, isto sim é comunicar-se. Por isso, tudo ao redor (dependendo da perspectiva) é texto, quero dizer: hipertexto. De acordo com o *Dicionário eletrônico de termos literários*, de Carlos Ceia (em mídia digital):

O hipertexto é uma forma não linear de apresentar a informação textual, uma espécie de texto em paralelo, que se encontra dividido em unidades básicas, entre as quais se estabelecem elos conceptuais [...]. Este sistema global de informação pode incluir não só texto, mas também imagem, animação, vídeo, som etc., falando-se neste caso de *hipermedia*. A exibição de museus, a

apresentação de materiais acadêmicos, os livros eletrônicos, os pacotes educativos etc. são formas de hipermídia (ou hipertextos).

Assim, esse *hiper* texto referido nos “insere” em uma infinidade de dados que se encontram instantaneamente à disposição. Para nós, o hipertexto é uma rede de significados na qual, involuntariamente, somos sujeitos e objetos ao mesmo tempo. Nele estamos lendo e escrevendo; em seus espaços somos autores e leitores produtores de conhecimento, ainda que inconscientemente. Esse tipo de entendimento nos lança naquilo que Paulo Freire (2011, p. 31) chamou de “saberes socialmente construídos na prática comunitária”. Compreendendo que educar “exige respeito aos saberes dos educandos”, os quais vêm sendo configurados na leitura do variado panorama global disponível à prática educativa. Esse hipertexto do mundo é construído a partir das múltiplas esferas de conhecimento, e são essas mesmas esferas os suportes que dão sentido às leituras daqueles que são usuários da língua.

## II

Quando levamos em conta que, desde muito cedo, as crianças da Era da Informática já lidam com meios eletrônicos de comunicação, torna-se urgente considerarmos (como profissionais atentos) que essa tecnologia, que põe em contato o jovem de hoje com uma enxurrada de informações, também tende a saturar esse novo cidadão de dados descartáveis, sobre os quais podemos obviamente inferir que nem tudo é aproveitado. No entanto, dos dados que o educando está tentado a absorver, uma grande parcela formará o seu conhecimento de mundo. Partindo desta concepção, devemos compreender que a dinâmica do mundo globalizado não se restringe mais aos meios didáticos – tampouco às academias e escolas – como os modos de aprendizagem por repetição ou apenas aos textos impressos, que exigiam um enfoque majoritariamente passivo.

A partir da “nova” (ou líquida) modernidade, através de jogos eletrônicos, garotos e garotas aprendem uma série de informações via ‘conhecimento simulado. Dito de outro modo, esses jovens adquirem conhecimento pelo processo (inter)ativo, não mais passivamente, conforme se fazia outrora. Os processos tradicionais e passivos não funcionam já vai lá um bom tempo, nem com relação aos alunos nem com os planejamentos docentes e suas aplicações. Em outras palavras, a imersão no universo tecnológico considerado pós-moderno faz parte do

cotidiano de todos, mesmo que os poderes aquisitivos econômicos sejam díspares: se não possui internet ou tevê a cabo, por exemplo, o aluno de alguma forma assistirá programas de tevês de rede aberta que já operam com sistema digital de veiculação.

Ao menos na zona urbana isso já configura uma realidade, ainda que desproporcionalmente, devido ao poder aquisitivo sobremaneira desigual. Sabemos que o aluno quer dinamicidade ligada aos novos aparelhos e mídias e, no caso dos professores, eles também não desejam ficar fora do contexto midiático. Sendo assim, é válido compreendermos que, principalmente com o advento da pandemia da Covid 19, a *internet* viabilizou cursos a distância, aulas *on-line*, tutoriais e livros digitais. Os *chats*, *Facebook*, *Twitters*, *Zooms* e *Instagrams* inauguraram outros modos de articulação comunicativa, cuja instantaneidade equivale a um simples piscar de olhos. Portanto, não adianta dar vazão a ódios e aversões quanto à tecnologia eletrônica, tampouco abandonar os tradicionais textos feitos de papel. Conforme afirma Ana Ribeiro e Carla Coscarelli: “Da mesma forma que um dia o impresso foi alvo de críticas” e se estabeleceu, “o eletrônico veio para ficar e tornar mais ágeis a busca” (2006, p. 86) da informação e, sobretudo, instrumentalizar alunos e professores. Ler, discutir, conhecer empiricamente, refletir, assistir e manipular são formas de aprendizagem que a humanidade está habituada e desenvolvida para fazer há milênios.

A escola (assim como a universidade) pode e deve se aproveitar dessa maneira de adquirir conhecimento e trazê-lo para dentro. Um bom exemplo desse “trazer para dentro” é a prática artística do poeta cearense Zé Salvador, quando ao tomar conhecimento pela mídia de *internet* sobre o caso do professor de Rio das Ostras, Thiago dos Santos Brandão, que foi agredido em uma escola pública, o poeta cearense evidenciou em seus textos a humilhação por que passou o professor. Sabe-se que Zé Salvador tem publicado seus folhetos de cordel durante décadas pelo Brasil e sempre fez tudo isso de forma artesanal. No entanto, de alguns anos para cá, poemas, contos, fábulas e, principalmente, literaturas de cordel escritas por ele já se encontram digitalizados e em plataformas disponibilizadas pelas próprias mãos do artista cearense. O escritor Zé Salvador se adaptou às novas tecnologias e, atualmente, atinge leitores que na sua época de rapaz jamais imaginaria. O seu poema “Professor: profissão esperança” (2018), publicado no *Facebook* alguns dias após a agressão sofrida pelo professor Thiago dos Santos Brandão, é cabível de ser tomado como mostra das questões sobre a aprendizagem e

entretenimento proporcionados pela literatura postada nas redes, quando a problemática da própria atividade docente surge como tema da produção literária do poeta Zé Salvador.

Sob esse ângulo está claro que, ao mesmo tempo que o artista manifesta seu repúdio devido ao pouco valor que a categoria dos professores tem recebido, sua arte só é capaz de chegar ao leitor tão prontamente por causa da tecnologia da *internet* com seus aplicativos e redes sociais. Dessa forma, o poema nos chega em mãos tão logo a notícia do professor agredido é veiculada nos telejornais. Com isso, o manifesto artístico de Zé Salvador sobressai nesse universo de coisas e fatos instantâneos e serve como amostra desse hipertexto do mundo em língua portuguesa servido nas mídias, onde a matéria literária se hospeda atualmente. Nesse contexto, a literatura faz uso do assunto do *bullying*, não só como denúncia dessa prática desleal cometida por alguns alunos contra seus próprios colegas de classe, mas também de alunos que cometem esses atos de opressão contra professores; como ocorreu no caso do profissional docente Thiago Brandão, ao sofrer *bullying* no exercício da profissão. O poema do Zé Salvador é sutil, porque o assunto é espinhoso, principalmente quando os vídeos de celulares captam partes das aulas — e o que deveria ser mais um desrespeito ao docente, atravessa o microcosmo da comunidade local e atinge proporções gigantescas —, até que os próprios alunos divulgaram o vídeo por meio do aplicativo do *WhatsApp*. Com esse caso em vista, Zé Salvador constrói o seu poema “Professor: profissão esperança”:

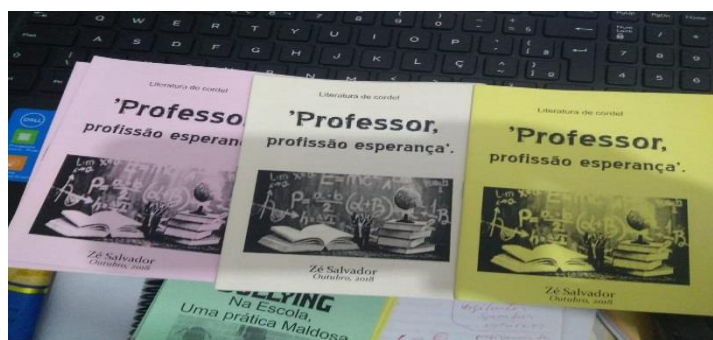
Estamos globalizados,  
Isto em todos os sentidos,  
Com a ligeireza dos fatos,  
Não tem atos proibidos;  
*Fake News*, viram verdades,  
São largas as liberdades  
E os feitos pervertidos.

Dá licença, me desculpe  
Por favor, muito obrigado;  
Isto quase não se vê  
Virou coisa do passado,  
Sabença nem passa perto  
Ainda diz que é esperto  
Não será bom seu legado.

O bom senso não existe,  
O tratamento é igual  
“Dá licença” não tem mais  
Agora é tudo informal;  
“Você” substitui “senhor”  
O velho e bom “por favor”

Não é mais habitual.  
(SALVADOR, 2018, p. 1).

Assim, entendemos que toda essa rede de sentidos é o que podemos chamar de hipertexto, porque nele o educando escreve, lê, dialoga e se inscreve, preparando-se, assim, para a vida profissional em meio “à ligeireza dos fatos” (SALVADOR, 2018, p. 1). Outro exemplo dessa rapidez de comunicação foi quando, assim que pedi as informações do site, para incluir neste artigo as referências, o autor de *Professor: profissão esperança* relatou que o poema havia ganhado corpo e se tornou uma narrativa em verso muito mais extensa, configurando um folheto de cordel a ser vendido nas feiras literárias. Ou seja, do mesmo modo que a tecnologia se torna temática acerca da educação, ela também serve de tema de poesia e segue o mesmo processo de composição e divulgação sobre o qual tematizou: a internet divulga o assunto no contexto global de comunicação.



(Foto cedida pelo autor Zé Salvador, via Whatsapp)

Com isso, o hipertexto se consolidou como lugar de atuação – um espaço sem fronteiras, sem muros – em que cada vez mais nos damos conta das transformações que as políticas educacionais têm sofrido. Nesse sentido, a preocupação com as condições de uso da língua e das linguagens, por meio de textos literários nos dias de hoje, se mostra bastante relevante, visto que está claro ao educador de língua portuguesa o quanto é relevante adequar essa imersão na dinâmica da ordem cultural e, conseqüentemente, a capacidade docente de conjugar essas forças aos seus modos trabalho.

### III

Um outro dos muitos paradigmas da contemporaneidade é saber que, se por um lado há benefícios que as tecnologias nos proporcionam (rapidez da informação, comodidade e

entretenimento), por outro, as redes digitais estão repletas de dados inúteis que poderiam alienar intelectualmente o sujeito hodierno. Neste sentido, Zygmunt Bauman dirá que vivemos momentos de modernidade fluida, momentos segundo os quais evidenciam “elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas [...] de outro” (2014, p. 13). Esses sintomas refletem individualismos excessivos que beiram o isolamento social ou que, de modo contrário, denotam a massificação cultural do mundo digitalizado.

Para Bauman (2014), se tomarmos como exemplo as trocas de mensagens dos *sites* de relacionamentos, veremos que elas parecem reproduzir a mesma informação para uma quantidade imensa de pessoas. Todos leem a mesma mensagem, veem o mesmo vídeo, mas, paradoxalmente, mantêm-se isolados do convívio social propriamente dito. Porém, ao darmos à tônica desta comunicação a busca por um viés mais interativo, longe do pensamento redutor, que vê em toda evolução ou novidade uma ameaça, constataremos, conforme Pierre Lévy (1999, p. 157), que pela “primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso educacional estará obsoleta no fim de sua carreira”. Dito de outro modo, a “transação de conhecimentos não para de crescer” (LÉVY, 1999, p. 157) e, conseqüentemente, a velocidade da renovação dos saberes impulsiona alunos, professores e profissionais em geral a se adequarem aos recentes modos de trabalho, fomentando dessa maneira “reciclagens” contínuas de conhecimentos.

Assim, fica-nos compreendido que o universo cultural contemporâneo é um mundo sem muros em seu próprio hipertexto, dentro e fora das instituições educacionais. Neste hipertexto mundial, serão as escolhas e as experiências renovadoras que darão a tônica, ou melhor, determinarão os posicionamentos que assumimos enquanto educadores atualizados. Trabalhar as linguagens literárias nos possibilita aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos [...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos), conforme afirmou Pierre Levy (Lévy, 1999, p. 157), e, assim, nada melhor do que os textos

ficcionais e poéticos que jogam com o entretenimento e com as linguagens, contribuindo para a dinâmica de uma nova economia do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários (EDTL)**. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em: 20 out. 2014.

RIBEIRO Ana; COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SALVADOR, Zé. **Professor: profissão esperança**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

**SOBREVIDA E RESQUÍCIO FAMILIAR EM *DE*  
*CÓCORAS*, DE SILVIANO SANTIAGO**

---

*Carina Lessa<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup> Doutora em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela UFRJ. Professora de graduação e pós-graduação da Unesa nos cursos de Direito, Relações Internacionais, Pedagogia e Letras.



*De cócoras* é uma novela que partilha o último dia de Antônio, aposentado e solitário que encontra na morte da mulher um movimento de contemplação em exílio interior e no seu casarão. Os espelhos institucionais que controlaram a vida do personagem são reconstituídos na espacialidade dos capítulos intitulados: "Na cozinha", "No alpendre" e "No quarto de dormir". Ambientes que passam a temporalizar o dia de oito em oito horas, depois do esfacelamento do relógio objeto e institucional. Com isso, este ensaio pretende conduzir reflexões sobre "tempo", "sobrevida" e "resquício familiar" na constituição de Antônio.

A primeira página do livro, seguindo uma certa tradição literária brasileira na década de 1990, nos apresenta um típico burguês:

Antônio de Albuquerque e Silva é hoje engenheiro aposentado de Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, o Dner.

Depois de bacharelar-se em engenharia civil pela Escola Politécnica do largo de São Francisco, Antônio submeteu-se a concurso público para o preenchimento de vaga no antigo Ministério da Viação e Obras Públicas, seção de Operações Rodoviárias. Foi aprovado em décimo primeiro lugar no concurso. Algumas manobras estratégicas do pai junto a amigos de políticos paraibanos conseguiram-lhe a nomeação. Em dezembro de 1945, Antônio tomou posse da escrivaninha de trabalho no sétimo andar do edifício Rex (...). (SANTIAGO, 1999, p. 9)

Na sequência, conhecemos uma breve história da mulher de Antônio, que começa pela descaracterização a partir do nome. Sabemos que se trata de uma nordestina, alagoana, filha única de usineiros que, ainda jovem, passava férias com uns tios no Catete - assim conhece Antônio. Era chamada de Rita porque fora nomeada por colegas de Antônio, como uma espécie de brincadeira, fazendo referência a uma personagem de filme italiano por quem ele se apaixonara. No casamento, depois de cortar o bolo, Antônio afirma que sempre será "fiel à sua amada e idolatrada Rita" (p. 21).

Antônio não percebera quando a esposa adoecera em função de uma mistura de responsabilidade recíproca na atividade patriarcal cotidiana: ele como provedor e ela com a discrição que se impunha à organizadora da casa. Ambos administrados pelo tempo mecânico institucional:

Quando adoeceu, a mulher de Antônio teve vergonha de dizer ao companheiro que tinha adoecido de doença fatal. Antônio via a mulher perder peso, perder

cabelo, se descuidar da aparência e não pensava em nada, ou pensava em regime que era a moda segundo os anúncios de jornal. Via as olheiras tomarem conta dos olhos e a palidez, do rosto, e ficava horrorizado ao constatar como ela estava envelhecendo depressa. Antônio ficou sabendo que a mulher estava doente quando ela lhe disse que tinha de ser hospitalizada naquela hora porque já não suportava mais as dores.

- Que dores? - Antônio ainda perguntou. (p. 19)

Observemos o processo de esvaziamento das categorias e necessidades individuais, sempre moldadas pelo ambiente familiar desde o início do processo educacional. Antônio não conheceu e enxergou a mulher, dominou-se pelas convenções e discursos sociais necessários à figura feminina, sem diálogo e investigação, atribuiu-lhe ao corpo imagens que bem lhe convinham. O narrador sentencia a construção e transição de ambos os personagens no decorrer da vigência do casamento:

Era recatada. Antônio conheceu-a na praia de Botafogo. Ele era alto, ela baixa e magra. Ele tinha o rosto afilado, ela, o rosto redondo. Não era feia, não era bonita. Não tinha graça, não era sem graça. A Ritinha do Catete tinha uma vulgaridade domada que podia lembrar e não lembrar a vulgaridade domada que podia lembrar e não lembrar a vulgaridade indomável da Rita na tela gigantesca do cine Palácio.

Depois do casamento, ela foi perdendo cores e ganhando carne, se arredondando, até que ficou pálida e bem redonda. O corpo dela virou cópia ampliada do rosto. Com o tempo, Antônio foi ficando cada vez mais magro e branquicela. Depois dos cinquenta, o casal era o que era: a gorda e o magro. (p. 24)

A partir desse fragmento, tendo em vista a importância do corpo na obra de Silviano Santiago, lembro-me de algumas reflexões de Judith Butler no seu *A vida psíquica do poder, teorias da sujeição*. No capítulo intitulado "Sujeição, resistência, resignificação", a filósofa traz para frente de cena um paradoxo Foucaultiano presente em *Vigiar e Punir*: a "subjetivação do prisioneiro". Ela discorre:

O termo "subjetivação" traz em si o paradoxo: o assujeitamento denota tanto o dever do sujeito quanto o processo de sujeição - só se habita a figura da autonomia sujeitando-se a um poder, uma sujeição que implica uma dependência radical. Para Foucault, esse processo de subjetivação ocorre, de maneira central, através do corpo. Em *Vigiar e Punir*, o corpo do prisioneiro

não aparece apenas como signo de culpa e transgressão, como a corporificação do proibir e a sanção para rituais de normalização; esse corpo é enquadrado e formado pela matriz discursiva de um sujeito jurídico. (...) Foucault sugere que o prisioneiro não é regulado por uma relação exterior de poder, segundo a qual as instituições tomam como alvo de seus objetivos de subordinação um indivíduo preexistente. Pelo contrário, o indivíduo se forma - ou melhor, formula-se - como um prisioneiro por meio de sua "identidade" constituída discursivamente. (...) A prisão, desse modo, age sobre o corpo do prisioneiro, mas o faz obrigando-o a se aproximar de um ideal, de uma norma de comportamento, de um modelo de obediência. É assim que a individualidade do prisioneiro se torna coerente, totalizada, que se converte na posse discursiva e conceitual da prisão; é como afirma Foucault, dessa forma que ele se torna "o princípio de sua própria sujeição". (BUTLER, 2017, p. 89-90-91)

Os paradoxos, tão caros a Silviano Santiago, representados pela presença e ausência no corpo físico das personagens e no corpo linguístico do narrador, se relacionam diretamente com o processo de domesticação da existência denotados nos apontamentos de Butler a partir de Foucault. O corpo da mulher se expande obedecendo às agruras cotidianas, prisioneira ao modelo de obediência conjugal. É interessante como o narrador corporifica o tratado social investido da psique dos personagens, ora da mulher ora de Antônio. Vejamos o fragmento a seguir:

Antônio e a mulher viviam em harmonia por causa das boas maneiras de que ela se valia para dar início às atividades rotineiras e a dois do casal. Se dependesse só da vontade dele, caberia sempre a ela a primazia do chute inicial em qualquer das três refeições diárias.

Ela declinava, olhando para ele:

- Comece você, meu bem - sussurrava, restaurando a boa ordem patriarcal na casa. As boas maneiras dela despertavam as boas maneiras dele:

-Você, primeiro, meu bem.

Se as boas maneiras da esposa incentivavam as boas maneiras do marido, serviam também para camuflar a ansiedade e a insegurança dele. Sempre serviram. Em todas as partidas do dia, realizadas na mesa da copa sob os olhos embevecidos da empregada, ela fingia que tinha ganhado de presente do marido a primazia do chute inicial. A gentileza feminina restaurava o equilíbrio, não deixando que as relações de dependência se invertessem. (p. 25)

O narrador desvela a manutenção constante dos signos linguísticos patriarcais que codificam a existência familiar do casal. A mulher de Antônio julgava, sem muita convicção, burlar as leis cotidianas. No entanto, no jogo cênico, o corpo da prisioneira mantém o modelo de obediência e, paradoxalmente, esfacela o poder da figura opressora. Antônio estava dominado pela "primazia do chute inicial" confirmada com a morte da mulher, na medida em que ele passa a ter dificuldades de iniciar as refeições. Será a partir da desconstrução do relógio institucional, desprovido das relações públicas e privadas que temporalizavam a própria vida, que Antônio reconstituirá os resquícios da primeira fase de vida familiar: a infância. O relógio está quebrado. Diante da maçã cortada em pequenos pedaços, ele divaga:

Pensa num relógio sem ponteiros e sem algarismos. Pensa numa ampulheta sem areia, num relógio de sol em dia de céu nublado. Antônio pensa numa noite sem lua e sem estrelas, num oceano sem ondas, numa praia sem banhistas, numa floresta sem animais e pássaros. Pensa numa floresta amazônica só de troncos de árvores sem galhos e sem folhas.

O relógio de Antônio perdeu primeiro o ponteiro dos segundos. Na repartição pública era medido em segundo após segundo pelo relógio de ponto. (...)

Depois da morte da esposa, o relógio de Antônio perdeu o ponteiro dos minutos. (...) Poucos meses depois da morte da esposa, o relógio de Antônio perdeu o ponteiro das horas. (p. 26-27)

Antônio distancia-se dos rituais previstos na sociedade e se entrega ao próprio tempo. Ele não pega a maçã no escuro, ele já a tem cortada e observa o tempo oxidando e modificando as cores do seu interior - com a afirmação da ambiguidade no uso do pronome possessivo. Voltemo-nos brevemente à estrutura narrativa de *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, e às ponderações de Silvano Santiago em ensaio intitulado "A aula inaugural de Clarice Lispector", para fazer refletir alguns aspectos fundamentais da novela ora estudada.

A família, como todas as instituições, se estrutura pela ordem da culpa. Alguém deve ser acusado. Há sempre um sujeito formulado por uma identidade única e reconhecível, demarcado pelo conceito. Clarice Lispector tem em sua inovação estética a ausência do nome nas relações, tal perspectiva se estende à novela de Silvano Santiago, na medida em que o

narrador transita e demarca uma verdade sobre os sujeitos - aquela verdade jurídica evidenciada também no autor<sup>3</sup> - de acordo ainda com o pensamento Foucaultiano.

Em *A maçã no escuro*, Clarice num ato extremo faz nascer um herói que teria assassinado a esposa. Ao fugir do crime, o personagem Martim, desprezando antigos valores, refaz-se como ser humano. Apesar de um evidente diálogo com a tradição bíblica, a autora abandona a ideia de julgamento e constrói um personagem aprendiz da observação do mundo. No contato com uma prima e uma cozinheira da casa na qual vai se refugiar, Martim descobre o prazer no intercâmbio inevitável e necessário às relações de poder, dominantes e dominados trocam de papel a todo instante - o que não acontecia entre a mulher (com traços de Macabéa) e Antônio em *De cócoras*, como bem observa o narrador. Além dessa trama ensimesmada no mergulho sobre a existência, metaforizada na maçã de formas distintas, o romance clariceano também é dividido em três capítulos e configura o trajeto de autoconhecimento do personagem central. Todos são concebidos pelo ou no entrelugar do herói-vilão.

Podemos pensar ainda na concepção de tempo romanesco, na medida em que ambos, Clarice Lispector e Silviano Santiago, investem de formas distintas e inovadoras na construção da narrativa - abandonando os parâmetros antigos do literário. A nova arquitetura temporal justifica o renascimento de Martim e, ainda, o renascimento de Antônio, neste caso, paradoxalmente, um renascimento que concretiza no corpo a morte física. Cristã? Será? No ensaio supracitado, Silviano declara:

A ambição de Clarice Lispector foi a de inaugurar uma outra concepção de tempo para o romance (vale dizer de história, ou seja, de transformação e evolução do personagem): a do tempo atomizado e, concomitantemente, espacializado. (2008, p. 232)

Para reinventar-se, criar um novo tempo, Antônio distancia-se da história. Distanciar-se da história é estar sozinho, distante das performances discursivas, sempre prontas e reconhecíveis, que o encontro com o outro lhe oferece:

---

<sup>3</sup> Recomendo aqui a leitura de artigo recente de Silviano, publicado no *Suplemento Pernambuco* e intitulado "Denis Diderot, Hóspede de Bougainville", no qual o autor expande as ideias de Foucault em *O que é um autor?*. O artigo traz um novo conceito sobre a construção de autoria, a partir da ideia de "hospedagem". A partir dele podemos refletir sobre a forte presença de Clarice Lispector e Machado de Assis no processo de elaboração da novela ora estudada. Pensemos também, como o artigo irá nos apontar, a importância do conceito de "suplemento", tal qual cunhado por Derrida, no processo de composição da narrativa.

Se a maçã emprestar-lhe vida, Antônio vai caminhar até a sala, pegar o telefone, esperar o sinal e discar para bater papo com o irmão mais velho, o outro **sobrevivente** da velha família carioca.

O relógio de Antônio iria recuperar o ponteiro dos minutos.

Se pedir desculpas ao irmão mais velho pelas recentes e constantes grosserias e se, depois, der trela à conversa mole dele (...)

O relógio de Antônio iria recuperando pouco a pouco o ponteiro dos segundos.

Se o irmão mais velho de Antônio lhe disser pela enésima vez que se arrepende muito, que se arrependimento matasse, ele já estaria morto, se ele lhe disser que devia ter adotado um filho quando o médico lhe garantiu que ele era estéril e que o casal nunca iria ter filhos, e se, em seguida, ele perguntar ao irmão mais novo por que você não adotou um filho, você que também é estéril e que tem todas as qualidades morais exigidas para se adotar um filho - Antônio não vai ter a resposta para a pergunta. Não vai querer, como nunca quis, inventar uma desculpa qualquer para justificar a demência precoce de ser pai posticho de alguém.

O relógio de Antônio iria recuperar de vez os algarismos na linha circular do mostrados e ganhar direção. (p. 29-30 - grifo meu)

Associo aqui, à ideia de "sobrevivência", a abordagem que Silviano traz para o conceito em *Genealogia da Ferocidade*, a propósito de Guimarães Rosa e a visão dos críticos em processo de domesticação de obras como *Grande Sertão: Veredas*. Silviano nos diz:

Reparem como os dois são iguaizinhos: o focinho domesticado do *Grande Sertão: Veredas* e a cara do crítico. Já doméstico, o animal parece zumbi. É zumbi. Perde a própria vida para ganhar a sobrevida como forma autônoma da morte do selvagem que é apenas impressa nele, passa a existir só nele. O *doméstico* (em crítica literária) é pulsão de morte: ressalta a qualidade fantasmática de monstro selvagem morto. A vida doméstica do antigo animal selvagem vira dependência da pulsão de vida alheia e humana, demasiadamente humana. (SANTIAGO, 2017, p. 34)

Reparem ainda: ao pegarmos das palavras do ensaísta Silviano Santiago imagináramos respostas unilaterais; nós, leitores, amansaríamos o bicho para o pôr nas rédeas. Pensemos na atitude do crítico literário e pensemos na ausência da esposa (responsável pelo pontapé inicial). Em contextos distintos ambos correspondem ao mesmo processo civilizatório e/ou primitivo, a depender da escolha que se faz. Diante de um olhar civilizado e moral ou de relógio

institucional, uma leitora encontraria rabicho patriarcal na atitude machista de Antônio ao longo do casamento. Necessitado, agora, de algo que o restituísse a (sobre)vida. Em contraponto, um olhar primitivo e imoral o levaria ao estado de morte revestido de vida.

Ao caminhar pelos espaços físicos da casa, o homem descobre caminhar para a morte. Todas as hipóteses levantadas pelo narrador em discurso indireto livre circulam entre os futuros do pretérito "iria/devia/iria" como possibilidades de domesticação lenta de Antônio já quase em estado selvagem. Em processo de abandono da história, o homem se retrai de tal forma a encontrar Toninho. O narrador se entrega à análise de Antônio menino que, na posição reflexiva por excelência, funde-se ao Antônio adulto em divagações sobre a constituição familiar e a temporalização da própria existência. De cócoras, debaixo da mesa que antes comportava os hábitos familiares, Toninho esconde-se sob o lençol onde jaz o corpo da mãe. Sua caixa sonora absorve todos os discursos do entorno, performando no corpo as futuras projeções da sobrevida. Antonio possui e não possui os resquícios da primeira família, as duas pontas se encontram e temos Toninho no corpo de Antônio. A infância de Toninho, manchada pela morte da mãe, é a origem e o fim dos seus dias.

Aceitar os argumentos do irmão o reconduziria ao relógio civilizatório. *Beato lui?* Se perguntaria à medida em que o corpo fosse reconduzido às antigas contingências da (sobre)vida? Antônio não assume atitude de (sobre)vida na fala do irmão. Não se deixa amansar. Preferiria um campo aberto, agradável aos olhos e ao relógio, tal qual na concessão habitual da esposa cotidianamente. Daquela forma, tal qual modelo de crítico oferecido por Silviano no ensaio sobre Rosa, encontraria um novo ambiente que o satisfizesse as necessidades vitais, agradáveis aos sentidos. Não seria um selvagem morto, esmagado pela pulsão de vida alheia, (re)constituiria a própria morada. Com desenvoltura, compraria um novo relógio que o configurasse um rosto jovem e originário.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias de sujeição*. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SANTIAGO, Silviano. *De cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Ferocidade*. Recife: Cepe, 2017.

\_\_\_\_\_. "A aula inaugural de Clarice Lispector: cotidiano, labor e presença". In.: *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.



## **“É PRECISO ENSINAR LITERATURA?”<sup>4</sup>**

---

*Juliane Elesbão<sup>5</sup>*

---

<sup>4</sup> Texto anteriormente publicado no site da Associação Livros Para Vida, disponível em:  
<https://www.alpv.org.br/wp/e-preciso-ensinar-literatura/>

<sup>5</sup> Doutora em Literatura Brasileira (UERJ) e Mestra em Literatura Comparada (UFC).

“É preciso ensinar literatura?”, nos pergunta o professor de literatura francesa e estudioso Vincent Jouve, que acrescenta: “A pergunta pode parecer brutal. Mesmo assim, merece ser feita. Diante de currículos sobrecarregados, é legítimo reservar tempo ao estudo de textos de natureza incerta e cuja função não está clara?” (2012, p.133). Tais questionamentos são necessários para que se justifique o ensino de literatura, especialmente, se a considerarmos como uma prática humana, na qual houve um empreendimento cognitivo, e como um objeto que representa um interesse, onde se pode identificar um projeto avaliatório.

Dessa maneira, o que interessa no ensino de literatura são os aspectos presentes nela e que merecem ser considerados no currículo escolar: os saberes que podemos extrair dela, o modo como o plano da linguagem aí se manifesta e, especialmente, as reflexões sobre o humano que ela pode suscitar. Além disso, devemos considerar que:

No quadro do ensino, temos todo o direito de dispensar o critério de satisfação, fazendo valer que as obras literárias não existem unicamente como realidades estéticas. Elas são também objetos de linguagem que – *pelo fato de exprimirem uma cultura, um pensamento e uma relação com o mundo* – merecem que nos interessemos por elas. Se a dimensão estética tiver sido levada em conta, não terá sido por si mesma, mas por aquilo que ela significa e representa. (JOUVE, 2012, p135, grifos do autor).

Em outras palavras, a experiência do belo não necessita da mediação do ensino para se realizar, por mais que a orientação para determinado gosto tenha seu valor. Dentro da sala de aula, a literatura está relacionada a um quadro institucional que deve promover um resultado útil de alguma maneira e que deve ultrapassar o âmbito estético, considerando a cultura, o pensamento, a relação com o mundo e a linguagem que o texto literário manifesta.

E necessário que se tenha cautela com o saber que se direciona para a Literatura, devendo ser adquirido e desenvolvido na sua relação com saberes de outras áreas. É perceptível a dificuldade que professores e alunos possuem de integrar as informações, de pensar as obras literárias dentro de um contexto maior sem reduzi-las a períodos e/ou movimentos estéticos e históricos. Tal fato se torna mais eminente na sociedade atual, cuja educação é negligenciada. “É o problema universal de todo cidadão do novo milênio: como ter acesso às informações sobre o mundo e como ter a possibilidade de articulá-las e organizá-las? Como perceber e conceber o contexto, o global (a relação todo/partes), o multidimensional, o complexo?” (MORIN, 2011, p. 33).

Somos cientes de que, na era da informação e da tecnologia, “o mundo é uma festa de permanente desatenção, a multitarefa é rotina, a vida é on-line e o pensamento é forjado por surtos contínuos e acelerados” (LUZ, 2014, p. 108). O acesso ao conhecimento é cada vez mais negligenciado e a capacidade de articulá-lo e organizá-lo é debilitada pela reprodução dos erros somada à força coercitiva e implacável das normas socioculturais que se voltam contra nós ao nascermos. Conseqüentemente, deixamo-nos ser dominados pelas ideias e pelas crenças fundadas por um paradigma socialmente pré-estabelecido, visto que “os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 2011, p. 24).

As ideias ganham, então, corporeidade e vitalidade referente ao poder imperativo que exercem sobre o homem, domesticando-o ao moldar suas percepções e orientar seu comportamento. No entanto, Morin ressalta a relação simbiótica que deve existir entre as duas instâncias, quando afirma que: “As ideias existem pelo homem e para ele, mas o homem existe também pelas ideias e para elas” (2011, p. 28).

No caso da Literatura, infelizmente, ela é apenas situada na educação como mero instrumento para fins didáticos. No processo de ensino-aprendizagem, é esquecida a natureza do texto literário, que nunca é doutrinária, autoritária, pois tende a romper, justamente, com o poder imperativo das ideias, subvertendo-as ou fazendo-as refletir sobre elas. Segundo Candido, a Literatura se tornou instrumento de instrução e educação em nossa sociedade, sendo tomada como uma proposta intelectual nas instituições de ensino, sendo que o texto literário “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2004, p. 175). Aí está a contradição do ensino de Literatura que se restringe a moldá-la a encerrá-la a formas rígidas e a recortes temporais, sendo que ela possui uma natureza complexa, transcultural, atemporal, que suscita questões de ordem subjetiva e social, entre outros aspectos.

Pensar estratégias para a revitalização do ensino de literatura é tarefa diária para os profissionais da educação, sem dúvida. Tal fato só reforça a importância que esse ensino tem para a formação de leitores competentes, para a reafirmação das potencialidades culturais de uma sociedade, para a expansão do mundo vivido a enriquecer a experiência pessoal, para colaboração no desenvolvimento a capacidade cognitiva, entre outros aspectos. Evitando cair numa espécie de romantização da literatura, é fato de que esta, em sala de aula, deve ser tomada como uma ferramenta pedagógica concentrada na formação e no aprimoramento do leitor, sem

que se negligencie o seu caráter artístico, estético. Pensemos! Pensemos nessas questões tão relevantes para a reconfiguração necessária do ensino da literatura e para a preservação da sua força humanizadora (na qual ainda acredito).

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

JOUVE, Vicent. **Porque estudar literatura?**. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LUZ, Eduardo. A nuvem pressentida: a “literatura do futuro” na crônica de Moreira Campos. In. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, ano IV, n. 5, p. 105-114, mai de 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarian Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

## **SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO MOVIMENTO TROVADORESCO EM SÃO GONÇALO**

---

*Rui Aniceto Nascimento Fernandes<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> Professor do Departamento de Ciências Humanas da FFP/UERJ. Doutor em História Social da Cultura pela PUC-RJ. Coordenador Acadêmico do Memorial da Igreja Matriz de São Gonçalo. Membro do Conselho curador do Museu da Imigração da Ilha das Flores. Conselheiro Municipal de Cultura de São Gonçalo (2019-2021).

O movimento trovadoresco, no Brasil, começou a se estruturar na década de 1950, a partir das ações de Rodolfo Coelho Cavalcanti. O Cordelista e jornalista promoveu, em julho de 1955, em Salvador, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, momento em que foi criada a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros, posteriormente rebatizada, adotando o nome de Grêmio Brasileiro de Trovadores (GBT). Três anos depois, 1958, Luiz Otávio (Gilson de Castro) ingressou no Grêmio. Ao se dedicar à trova desde finais da década de 1930, Luiz Otávio se tornou, em 1966, delegado da GBT para as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Entre 28/04 e 13/05/1960, Luís Otávio e J. G. de Araújo Jorge tornam a cidade serrana de Nova Friburgo palco dos primeiros jogos florais no Brasil. Os Jogos Florais têm sua origem na Antiguidade Romana, nas festividades dedicadas à Flora, deusa da primavera, das flores, dos cereais, das vinhas e das árvores frutíferas. Flora era umas das divindades sabinas introduzidas por Títo Tácio no panteão divino romano. Neste mesmo ano, realizou-se em São Paulo o II Congresso de Trovadores e Violeiros que elegeu Luís Otávio como “Príncipe dos Trovadores do Brasil”.

Divergências entre Luís Otávio e a direção da GBT o levaram a fundar, em 1966, a União Brasileira de Trovadores (UBT), desvinculando-se daquela outra agremiação. A nova instituição passou a ser organizada em seções e delegacias municipais, de acordo com o número de membros, e em seções estaduais, conforme o número de cidades.

São Gonçalo contava já com cultores da trova que, integrados ao movimento trovadoresco, associaram-se ao projeto de Luís Otávio e fundam (em 04/12/1966) a Seção municipal. Instalada em 31/02/1967, contou com a presidência provisória de Paluma Filho. Após dois meses de exercício, foi eleita a primeira diretoria que respondeu pelo biênio 1967-1968: Presidente: Edson Vianna de Mattos, Vice-Presidente de Administração: Paluma Filho, Vice-Presidente de Cultura: Gilvan Carneiro da Silva; Vice-Presidente de Finanças: Belarmino de Mattos; Vice-Presidente de Relações Públicas: José Odair de Carvalho; suplente: Nerliço Soares. O Conselho fiscal era constituído por Eduardo Pacheco, Antolauro Alfradique e Geraldo Lemos, tendo como suplente, Ney Soares. Seu Conselho Deliberativo era formado por Odysseá Silveira de Siqueira, Arina Gomes Alonso, Arlete Vieira e Jane Pires Paluma, como suplente.

A novel instituição era considerada uma das instituições de maior projeção no município. A moção de aplausos, proposta por Nicanor Ferreira Nunes e subscrita pelos vereadores: Agnélio Marques Henrique, José Antônio do Nascimento, Francisco da Costa Assumpção, Nazareno Veiga Nocchi, José Alves Barbosa e Levy Farias da Costa, afirmava “*que a UBT-SG, durante esses dois anos de existência, vem contribuindo, como nunca foi feito até o presente momento, para a revelação de autores gonçalenses, através da divulgação de seus trabalhos pela imprensa escrita e falada*”. Destacava-se a integração do movimento local ao nacional, a publicação de trovas de autores gonçalenses em coletâneas nacionais e editadas a partir de encontros regionais, além disso, a “*UBT-SG tem fomentado a publicação de livros de trovas, em São Gonçalo, inclusive já estando se organizando para publicação de uma edição com as melhores trovas de alguns associados da UBT, livro que terá caráter inédito na cidade, ao ser editado por uma entidade cultural local*”.

Naquele momento a UBT-SG já organizava uma das atividades que comporia a II Semana de São Gonçalo, evento criado pela Prefeitura local para comemorar os 78 anos de emancipação político-administrativa. O I Concurso de Trovas de São Gonçalo, tendo como tema a “indústria”, foi exitoso, segundo o então prefeito Osmar Leitão Rosa:

Cada trovador gonçalense começou pesquisa, iniciou trabalho à espera da hora inspiradora. Mas também outros trovadores do Estado do Rio e do Brasil atenderam ao chamado de cantar o potencial industrial de São Gonçalo em quatro versos. Tarefa dura, mas gostosa. E as trovas começaram a chegar. Fiquei surpreso ao saber que mais de trezentas pessoas participaram do certame. Os daqui aprendiam um pouco mais sobre a cidade. Os do Estado do Rio falavam mais do município. Os do Brasil passaram a cantar em versos a comuna de que talvez nunca antes tivessem ouvido falar.

A Comissão organizadora do concurso foi composta de Hairson Monteiro, presidente; Antolauro Alfradique, Geraldo Lemos e Jacy Pacheco. Do conjunto de trovas inscritas, as cinco primeiras colocadas foram premiadas com troféus e valores em espécie. Da 6ª até a 10ª, todas receberam medalhas e, da 11ª até a 20ª, estas receberam menção honrosa. Foram classificadas ainda 35 trovas, totalizando 55 versos. A vencedora foi a trovadora niteroiense, Zuleika Hallas Walsh, com a seguinte composição:

Crivado de chaminés  
Com fumaradas em til

Sei, São Gonçalo, que és  
A “Manchester” do Brasil.

As 55 trovas classificadas foram de trovadores de Cachoeiras de Macacu, Magé, Niterói, Nova Friburgo, São Gonçalo, Santo Antônio de Pádua, Sumidouro e Volta Redonda.

Em 1969, para perenizar em livro, o resultado do concurso foi publicado, no *I Concurso de Trovas de São Gonçalo – RJ*, subsídio fundamental para o registro dessa história.

A segunda diretoria da Seção Gonçalense da UBT, responsável pelo biênio 1969/1970, foi composta por: Presidente: Edson Vianna de Mattos, Vice-Presidente Administrativo: Paluma Filho, Vice-Presidente de Cultura: Juarez Moreira; Vice-Presidente de Finanças: Belarmino de Mattos; Vice-Presidente de Relações Públicas: Gilvan Carneiro da Silva; suplente: José Odair de Carvalho. O Conselho Fiscal era constituído por Arlete Vieira, Jane Pires Paluma, Antolauro Alfradique, tendo como suplente, Ney Soares. Seu Conselho Deliberativo era formado por Nerliço Santorio Soares, Odysséa Silveira de Siqueira, Arina Gomes Alonso, e, como suplente, Eduardo Pacheco.

Efêmero, no entanto, parece ter sido esse primeiro esforço organizacional do movimento trovadoresco, mas não da trova! Não localizamos a realização de outros concursos ou de Jogos Florais na cidade. Os trovadores locais mantiveram suas participações em certames dos mais diversos cantões do país<sup>7</sup>. Participaram dos Torneios de Poesia Falada e publicavam nos principais periódicos locais, a revista *A Gaivota* e o jornal *O São Gonçalo*. Nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo, este jornal mantinha a coluna *Trovas e Travos*<sup>8</sup>.

Quarenta anos depois do I Concurso de Trovas em São Gonçalo, iniciou-se o movimento para recriação da Seção Gonçalense da UBT. Em 2008, Milton Nunes Loureiro, presidente da UBT do estado do Rio de Janeiro, solicitou a Gilvan Carneiro da Silva que assumisse a Delegacia de São Gonçalo e reorganizasse a Seção local. Quixotescamente Gilvan Silva escreveu para os trovadores que apareciam em coletâneas do gênero, sem êxito. Ao conseguir o apoio de Osvaldo Luiz Ferreira e Bearnle de França Conceição, convocou uma reunião no auditório do Sindicato das Escolas Particulares (SINEPE). A essa seguiram outras reuniões

---

<sup>7</sup> As coletâneas organizadas por Aparício Fernandes, nas décadas de 1970 e 1980, são importantes registros da participação de trovadores gonçalenses no movimento trovadoresco nacional. Outras fontes são as publicações dos Jogos Florais, realizados em variados lugares do país.

<sup>8</sup> Em pesquisa anterior, localizei trovas relativas ao beato amarantino publicadas nas edições Nº 9538, de 13 e 14/01/1988 e nº 10159, de 30 e 31/01/1992.



preparatórias até que, no ano seguinte, a Seção São Gonçalo foi reinstalada, tendo como presidente Osvaldo Luiz Ferreira. A partir de então, a UBT – São Gonçalo se consolidou como uma das principais instituições culturais do município, já tendo três coletâneas publicadas e mantendo as suas reuniões regulares, em um dos salões do Abrigo do Cristo Redentor.

## REFERÊNCIAS:

I Concurso de Trovas de São Gonçalo – RJ. S/l: s/n., 1969.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Um santo nome*. Histórias de São Gonçalo de Amarante. São Gonçalo: São Gonçalo Letras, 2004.

FUNDADOR da UBT. Luiz Otávio. Disponível em:  
<https://ubtportoalegre.wordpress.com/fundador-da-ubt/>

OS JOGOS Florais. 22/05/2009. Disponível em:

<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2009/05/22/os-jogos-florais/>

PINTO, Maria do Rosário. Rodolfon Coelho Cavalcanti. Site Cordel. Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em:

[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/RodolfoCoelho/rodolfoCoelho_biografia.html)

UBT-SG. *Trovadores gonçalenses*. Trovas. Cachoeirinhas, RS: Agência Texto Certo, 2013. Vol. I.

\_\_\_\_\_. *Trovadores gonçalenses II*. Trovas. Cachoeirinha: Textocerto, 2014. Vol. II.

\_\_\_\_\_. *Trovadores gonçalenses*. S/l: s/n., 2016 Vol. III.

## **O PORTAL DO TEMPO**

---

*Ivone Rosa<sup>9</sup>*

---

<sup>9</sup> É poeta, professora de Literatura, escritora, roteirista.

**S**emana passada, olhando uma foto de meus pais, bateu uma saudade imensa! A ponto de me fazer chorar baixinho e sorrir simultaneamente. Isso me fez perceber que só sentimos saudade de pessoas, momentos ou algo que foi bom. Ninguém sente falta, em absoluto, de alguma situação que tenha sido desagradável, não é mesmo?!

O Tempo é nosso melhor aliado, um excelente reparador após uma grande perda. Normalmente amadurecemos após passarmos por uma experiência dolorosa e através do tempo, amenizam -se as dores.

Quando falo aos meus filhos, acerca da morte, digo sempre que essa separação é temporária, comparo esse momento a um aeroporto. Pessoas vão, pessoas vêm, e no saguão as que se despedem e/ou as que aguardam; estão sempre com lágrimas nos olhos...

Acredito, portanto, que um dia iremos nos reencontrar! É só uma questão de tempo. Guardei, então, o porta-retratos.

## **BONS PROFISSIONAIS SÃO BONS SERES HUMANOS**

---

*Erica da Costa Barros<sup>10</sup>*

---

<sup>10</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estácio de Sá. Especialista em Orientação Educacional e Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes. Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense.

Certa vez, li em uma rede social a seguinte frase: “Antes de ser um bom profissional, seja um bom ser humano”, e fiquei refletindo sobre a prática dos que trabalham com a Educação. Há muita discussão acerca dos termos “tia” e “professora”, da valorização dos professores, das condições de trabalho e salários, mas pouco se discute sobre o que move um profissional, o que baseia suas escolhas e seu cotidiano laboral.

Em qualquer profissão encontraremos ônus e bônus, questões pelas quais aqueles que a exercem precisarão reivindicar melhorias, assim como elementos que poderão trazer satisfação e realização no seu exercício. A discussão aqui é: quanto de amor empregamos naquilo que fazemos? Nenhum curso irá nos ofertar essa ferramenta, pois ela é natural, intrínseca. As instituições nas quais nos formamos oferecem a técnica, o conhecimento científico, outra esfera importante para a realização de um trabalho de excelência, sem dúvidas, mas sem o amor toda técnica é vazia e o dia a dia profissional, aos poucos, torna-se exaustivo, sacrificante, penoso.

O amor é o instrumento mais eficaz para observarmos as necessidades dos discentes, suas famílias, colegas de trabalho e as nossas; através dele sentimo-nos incentivados a buscar soluções, trocar experiências, ouvir e falar com os pares. Esse primeiro pilar transforma as decepções, o desânimo, o cansaço físico, os aborrecimentos em eventos passageiros, que nos desestabilizam por um momento breve e faz com que logo retomemos o nosso foco, que nesse caso em particular, confesso aqui, o meu é o aluno.

A técnica, outro instrumento tão importante quanto o primeiro, nos oferece o caminho que devemos seguir para alcançar os objetivos traçados com amor. Não pode existir profissional sem técnica, esse elemento é o que nos distancia do senso comum, do “fazer sem propósito”. O conhecimento científico e a sua prática, portanto, é o que nos habilita como profissionais; é através dele que podemos planejar, executar e avaliar o que realizamos com os nossos alunos, buscando alternativas para alcançarmos a nossa meta.

Caro leitor, não entenda que incentivo o trabalho POR amor, excetuando, claro, que você esteja exercendo uma atividade voluntária. O que promovo nesta conversa é o trabalho COM amor. Empregue esse sentimento como primário ao realizar sua profissão; ao levantar-se e ir ao local onde a exercerá; olhe COM AMOR para as necessidades daqueles que ali estão, entenda as suas limitações; lute por você e pelos outros; enxergue o ônus como algo útil para fortalecer sua identidade profissional; busque seus direitos, honre seus deveres.

Por fim, deixo-lhe um desafio: olhe para o espelho e pergunte a si o quanto de amor e técnica você tem empregado em seu trabalho. Você ainda ama o que faz? Ou sua técnica é uma mera repetição mecânica do que aprendeu nos cursos? O amor faz com que humanizemos a técnica. Pense nisso.

# **NÃO É FALTA DE EDUCAÇÃO. É FALTA DE AMOR**

---

*Altamir Lopes<sup>11</sup>*

---

<sup>11</sup> Graduado em Gestão, MBA em RH, Reflexoterapeuta, Auriculoterapia e Desenhista publicitário.

“Por causa do aumento do que é contra a Lei, o Amor da maioria se esfriará” – declara uma das máximas proféticas das escrituras sagradas, aplicando-se aos nossos hodiernos dias. E, tal qual verdade insofismável, encontramos nessa mesma máxima algo quase semelhante a um palíndromo: “Por causa do esfriamento do Amor, haverá aumento do que é contra a Lei”. Arrisco-me a trocar a ordem das palavras na expressão e encontrar a mesma verdade desnuda, dura, cristalina e impactante.

Por que as pessoas desrespeitam os avisos de trânsito? Por que elas não atendem aos avisos da natureza do seu próprio corpo? Por que ultrapassam os limites impostos pela legalidade instituída por elas mesmas? Por que elas limitam o que podem fazer de bom para o seu próximo?

Falta de LEI? Ou falta de Amor?

Comecei a pensar mais profundamente sobre isso em mais um momento peculiar na qual uma crise que se vivencia pode proporcionar. Observar a si próprio e ao seu semelhante ajuda a gerar acuracidade na percepção dos atos e fatos. E o que vejo? Existe a LEI, mas onde não há Amor, a Lei desvanece.

Quando se orienta a uma ação que visa à proteção comunitária, ao ganho coletivo ou à vitória de uma equipe e um elemento do grupo simplesmente descarta a opção de atender à orientação – seja ela de uma autoridade científica ou governamental –, eu fico pensando até que ponto esse elemento está habilitado para viver e conviver em sociedade. O Amor é habilitador da convivência. Sem ele, tudo morre, não somente as pessoas. Tudo morre.

Aos cães aplicamos focinheiras porque **conhecemos** o que eles podem ser capazes de fazer instintivamente. Aos humanos, orientamos que usem máscaras de proteção e acabamos desmascarando as suas próprias ídoles, as quais não **conhecíamos**. Ou fingíamos não conhecer.

E descobrimos que o pior vírus, desde há muito tempo, é o vírus da falta do Amor ao próximo.



## **CLARICE NOS AJUDA A LEMBRAR DOS PROBLEMAS DA CLAREZA...**

---

*Lucas Salgueiro Lopes<sup>12</sup>*

---

<sup>12</sup> Mestrando em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), e Pós-graduado em Educação Básica - Gestão Escolar pela mesma instituição.

“Estou sentindo uma clareza tão grande / que me anula como pessoa atual e comum: / é uma lucidez vazia, como explicar?”. Sem dúvidas, é mesmo difícil de explicar tal sentimento que Clarice Lispector descreve em seu poema<sup>13</sup> “A lucidez perigosa”, de 1972. Mas, o que um primeiro olhar menos atento não conseguiria prever, é que esse texto tem mais a dizer sobre os dias atuais do que imaginávamos. Tal sensação, provavelmente não vem por uma intencionalidade futurística da escritora, mas, sobretudo, pela irresistível familiaridade que nos remete a uma das maiores angústias de nossos tempos: os problemas da clareza.

Quando pensamos numa sociedade tomada pela “clareza”, poderíamos ter como uma primeira referência o movimento cultural-filosófico do Iluminismo, que encontrou seu auge na França do século XVIII (conhecido como “Século das Luzes”) e gerou uma forte onda de ideias de liberdade e combate ao absolutismo naquele contexto. Mas esse ainda não seria o momento da “sociedade da clareza” que vivemos hoje. A filosofia do movimento, além de não tocar nos pontos centrais que trataremos aqui, logicamente, não se alastrou instantaneamente por todos os estratos sociais e por todos os cantos da Terra.

Assim, é importante lembrar também que ainda estamos falando de uma sociedade disciplinar naquele contexto. As sociedades disciplinares, situadas por Michel Foucault nos séculos XVIII e XIX, com auge no início do século XX, são marcadas pelos grandes meios de confinamento e pelo objetivo de domesticar o corpo. Imagine uma prisão com seus diversos estereótipos: esse é o modelo de sociedade que se tinha! Durante boa parte da vida, os indivíduos passavam de um espaço fechado para outro: iniciando pela família, depois a escola, a caserna, a fábrica, passando pelo hospital, podendo chegar até mesmo à própria prisão. Lugares fechados, mas que, Foucault informava, estavam com seus dias contados.

Essa vida regida pela disciplina, disposta num ambiente escuro e sombrio, no entanto, cada vez mais se transportava para um “espaço iluminado”. Para outro filósofo francês, Gilles Deleuze, depois da Segunda Guerra Mundial, não éramos mais uma sociedade disciplinar: chegávamos à sociedade do controle. Assim, Deleuze diz que há uma “crise generalizada de todos os meios de confinamento”, mas não um fim da dominação; seguimos sendo controlados, porém, agora, sob uma aura de liberdade. Tudo é mais fluido e passa a ser mais claro; mas isso nos faz enxergar melhor e viver mais livre? Clarice responde:

---

<sup>13</sup> Nota dos editores: O trecho em destaque integra a obra em prosa *A descoberta do mundo*, coletânea de crônicas publicada por Clarice Lispector, em 1984. A prosa poética da autora vem, contudo, sendo lida e analisada, com certa frequência, pela perspectiva de seus arranjos líricos, olhar que pauta o presente texto.

“Estou por assim dizer / vendo claramente o vazio. / E nem entendo aquilo que entendo”. Tal sentimento, como destaca outro filósofo, Byung-Chul Han, vem dessa sociedade do controle, onde somos regidos por um novo tipo de panóptico: o digital, onde, ilusoriamente, todos nós imaginamos ter total liberdade, dada a ligação em redes entre os indivíduos e as inúmeras formas de comunicação. Mas, conseqüentemente, como lembra Han, nesse novo tipo de supervisão “é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um”. Toda essa “clareza” e excesso de possibilidades para nos comunicar, não nos faz comunicar melhor! A sociedade do controle se torna uma sociedade da transparência, que é uma sociedade da informação, incapaz de informar: quanto mais claro, menos vemos. Como diz o filósofo: “a sociedade da transparência é opaca”.

“Além do que: / que faço dessa lucidez? / Sei também que esta minha lucidez / pode-se tornar o inferno humano”. Fica difícil saber o que fazer no meio do turbilhão: mais informação e mais comunicação não clareiam o mundo, ou, como destaca Han: “a hiper informação e a hiper comunicação não trazem luz à escuridão”. Não à toa, Clarice nos lembra que toda “lucidez” pode vir a se tornar o nosso inferno humano. Ora, o “inferno humano” nada mais poderia ser do que um lugar sem prazeres, como é, por excelência, a sociedade da transparência. O prazer requer a sedução, da qual fazem parte o mistério, a fantasia. A transparência é simplesmente pornográfica. Em torno de todos os aspectos do social, pensamos enxergar tudo, mas não vemos nada; o controle se faz pela universalidade do desnudamento. Como nos alerta Clarice: “essa clareza de realidade / é um risco”.

Como Deleuze destaca, não devemos perguntar qual sistema é “mais duro”: a passada sociedade da disciplina ou a atual sociedade do controle. Ambas têm seus problemas, pois, entre liberações e sujeições, vamos experimentando sentimentos de angústia, confusão e vazio. Han diria para nos alertarmos: toda essa luz que causa a transparência da nossa sociedade contemporânea não é, necessariamente, proveitosa. Clarice, em toda sua sensibilidade sobre o íntimo, nos indica, como caminho último, uma forma de rogação: “Ajudai-me a de novo consistir / dos modos possíveis. / Eu consisto, / eu consisto, / amém.”.

## **REFERÊNCIAS**

Byung-Chul Han – “Sociedade da Transparência” (livro).

Clarice Lispector – “A lucidez perigosa” (poema).

Gilles Deleuze – “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” (texto).

## **LINHA DE FRENTE**

---

*Lívia Penedo Jacob<sup>14</sup>*

---

<sup>14</sup> Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ) e mestra em Estudos da Linguagem (PUC-Rio).

## 1. Assintomático.

– Ele tomou foi uma *pisa* de uns doidos fanáticos, mas tá bem.

Até hoje não me acostumei com certos termos que minha mulher usa. Clara falava pela videoconferência com sua mãe, a irmã e o cunhado, todos em Ananindeua.

Diabo de cidade abafada, a ponto de me agoniar ver aquela gente, mesmo à distância, as gotas de suor escorrendo pela tela, os sons enferrujados dos ventiladores. Será que calor transmite e contamina, como vírus?

Engraçado que àquela altura o sotaque de Clara me incomodasse tanto, quando foi isso que achei bonito nela, de princípio, tão condizente com seus cabelos retintos, escorridos pela cintura, a pele parda, os olhos castanhos...

– Você devia se chamar Jandaia.

– Égua! Jandaia é nome de pássaro. E tu, qual teu nome?

Nos conhecemos de maneira bem clichê, em pleno Carnaval carioca. “Amor de verão só dura uma estação”? Depende. Vai ver conseguimos driblar a má sorte quando não nos preocupamos demais com o dia seguinte. Entre idas e vindas, cinco anos se passaram até que eu me desse conta de estarmos ocupando a mesma casa: eu, ela e Chico, o gato paraense. E nem sequer posso dizer que o “casamento” tenha sido “motivado”. Do dia pra noite aconteceu.

– Não, Mãe, o Stanley não quer aparecer. Tu viste ele na televisão, foi? Em qual programa? Mas credo!

Durante toda a minha vida escolar fui o *nerd* da turma, quando ser *nerd*, aliás, tinha um quê de pejorativo. Vivi metade da vida com a cara enfiada nos livros e a outra metade discutindo política nos bares. Me cerquei de sociólogos, artistas, pessoas das humanidades. E meio a tanta “filosofia”, nem sei mais como aprendi que jandaia é um pássaro com três subespécies: a verdadeira, a de testa vermelha e a amarela. Só sei que das três variantes, nunca entendi bem a “verdadeira”. Devia ter a ver com as cores das penas – o amarelo no peito e um pronunciado verde nas asas, as cores da bandeira brasileira. As outras seriam “mentirosas” ou “falsas” porque menos “nacionalistas”?

– Tu sabes que *aratinga* é como os índios chamam essa ave? – Clara me surpreendia, sem fazer esforços.

– Sim. É o nome científico dela – respondi sem convicção, afinal se eu fosse uma ave emplumada talvez tivesse mais sorte com as fêmeas. Estava ruim de papo e minha interlocutora dominava a cena:

– Então, “*tinga*” significa “branco”, “*ara*” é “ave”. “Branco”, nesse caso, pode se referir ao amanhecer ou talvez às “águas limpas”, onde se banham as jandaia. Uma boa tradução seria: “a ave que anuncia a alvorada”.

– Branca, ou seja: Clara! Você se chama Jandaia mesmo.

Julgava ter acertado um alvo, quando estava sendo só mais um babaca. Pra ver a banda passar, cantando coisas de amor.

## 2. Surto.

A banda tinha passado há tempos, e esticamos num boteco, eu fingindo que gostava de cachaça barata, ela entornando garrafas de cerveja. Torcia pelo desatino: a garota tombando bêbada nos meus braços em algum motel do Largo do Machado. Pensamento espiralado que sumia e reaparecia em átomos, bombas atômicas de ideias necrosadas. Eu, um cretino que não bebeu quase nada de propósito. Canalha, e daí? Cheio de más intenções, mas quem nunca? Pena que ela se mantinha sobre-humanamente sóbria. Sóbria e inteligente, não me restando outra escolha senão mostrar também ser dono de um cérebro.

Tempos depois, nós dois já namorando, Clara disse, me achou “bem *boçal*”, modo como as pessoas lá na Amazônia chamam quem “adora uma *pavulagem*”, traduzindo: “um exibicionista metido a besta”. Nunca assumi pra ela a minha própria escrotidão. “Um lance babaca passageiro”, disse várias vezes pra mim mesmo porque, no íntimo, meu sonho era poder manter uma partícula ridícula do que um dia já fui, me conservar dentro daquele pequeno universo másculo de armaduras, um corpúsculo das mentiras que outrora me compuseram.

Depois que o dia raiou, vimos maracanãs gritando no alto das paineiras do Aterro do Flamengo, nós dois sentados à beira do meio-fio...

– É. Aqui no Rio de Janeiro nunca vi jandaia. Só o Maracanã, as maracanãs e você.

Por um segundo, esqueci que antes buscava nada além de uma trepa. Fantasias de Carnaval... Procurava a minha máscara, caída em alguma esquina. Antes pilantra, eu era agora um feliz abstêmio, fantasiado de bobo, um anti-rei Momo, vestido como o próprio, no sentido

de portar cetro, coroa e faixa, mas sem a barriga característica daquele personagem bonachão. Pelo contrário, andava com a escassez exposta, minha magreza hereditária indisfarçável tão bem ressaltada, a compleição atlética de pele-osso à vista do povo.

Se eu era um bufão digno do Carnaval, Clara vinha sem maquiagem, nem brilho, nem traje típico ou adereços, flutuando por dentro de um vestido longo, todo branco, reciclado do Réveillon, as sandálias rasteiras, os cabelos compridos amarrados numa trança... “Deve estar homenageando Iemanjá, vestida de orixá”, pensei, até entender que ela estava nua, se endereçando a si mesma. Ignorar as fantasias dos outros é uma estrada pra liberdade, e era isso que ela fazia ao mostrar suas impenetráveis quimeras, se desnudando.

Bêbado, consegui vê-la completa, por debaixo daquelas roupas, a coxa, os seios, as nádegas, uma mulher iluminada no meio da multidão, visão epifânica. Enxerguei até manchas roxas sobre as pernas, umas que os antigos chamavam de “mágoa” e os livros de Medicina nomeiam “púrpura simples”. Era Clara, porém, quem me enredava com programas de índios, os bororos, os guaranis, os caiapós, os corubos, as lutas entre eles e os madeireiros, o governo a lhes dar flechadas. Sexo devia ser apenas um detalhe, dizia a mim mesmo, tentando me convencer, sem o consolos de terceiros.

–Tens que me passar o número da Bia, tá, mãe? Vixe, olha a *presepada!* Com licença, minha gente, a conversa tá boa, mas *já me viu.*

Depois que saiu da videoconferência, Clara veio com uma bolsa de gelo na mão que posou desavisada sobre meu olho machucado. Deitado, eu tinha passado cinco minutos me revirando até achar a melhor posição pro *notebook*. Esquecido da vida e até de onde estava, senti um baita susto com aquele troço gelado pousando na minha cara e sem querer empurrei tudo com os braços: Clara, a bolsa de gelo, meu *notebook*...

– *Égua, Stanley!*

Aquela palavra, mais usada pelos nortistas do que vírgula, podia significar muitas coisas e dita daquele jeito, eu já tinha aprendido, era sinônimo de zanga.

Com a cara amarrada, Clara sumiu, indo se trancafiar no banheiro. Estropiado, levantei do leito pra repetir uma cena tão cafona quanto corriqueira nas telenovelas:

– Clara, escuta, foi sem querer. Abre, vamos conversar!

– Dá um tempo!



### 3. Isolamento vertical/horizontal.

Era pra ter sido *one-night-stand*, mas acabou não sendo.

Nós dois sentados no meio-fio do parque, ao som dos berros das maritacas, ela me dizendo que tinha vindo ao Sudeste pra cursar um mestrado e eu ouvindo tudo atento, enquanto segurava o cu na mão, temeroso de que aparecesse algum sujeito armado. Cidade violenta, onde a morte nos espreita, ainda mais no Aterro do Flamengo, em plena madrugada. Ela, sendo do Norte, não devia saber, afinal, migrar da Amazônia pro Sudeste é uma forma de desterro. Mas Clara, dizia, vinha por amor às línguas, ia estudar as indígenas no Museu Nacional. Até que ela me beijou, e a terra se abriu e me engoliu, e acordei sonâmbulo num quarto de hotel. Amanhã tudo volta ao normal. Deixa o barco correr.

Tão tarde. Tão cedo. Putas, virgens e Viagra, confesso: nunca experimentei! Estava, pela primeira vez da minha vida adulta, inseguro com sexo. Era o quê? Orgulho de macho ferido. *Pavulagem*? Tudo muito complexo, eu carregando o peso daquela imagem de mulher bonita flutuando dentro de um vestido que só existiu na minha cabeça, algo muito divino. Antes de tudo, fui ao banheiro, a bexiga cheia. Me olhando no espelho, vi que estava nu, sem fantasias, perdido nas minhas perplexidades. Cismeiei que na hora H ia broxar. Não broxei. E isso importa? Tenho autocrítica e reconheço minha mediocridade.

– Abre a porta, Clara.

Depois daquela foda mal dada, Clara se mandou. Saímos outra vez, quando fui eu que sumi, pra depois reaparecer. Num dia qualquer, nos reencontramos. Mas agora, eu estava pondo tudo a perder, sendo o mesmo escroto daqueles tempos, irritado por não conseguir continuar a *minha* leitura porque o sotaque paraense *me* atrapalhava.

– Escuta: eu já tinha colocado a bolsa de gelo no coágulo. O roubo não tem nada a ver com você.

Mas tinha. Era desgastante lidar com o excesso de cuidados dela para comigo, o estranho orgulho da minha sogra por eu ter aparecido na televisão. Da noite pro dia, virei uma celebridade ao revés, o epítome da loucura em que se transformou o país. “Médico é agredido por familiares de paciente que rejeitam covid-19 como *causa mortis*. Profissional de trinta e dois anos passa bem”. Veicularam minha imagem sem autorização. Sentia raiva de mim mesmo, daquela fraqueza exposta nos hematomas, os receios transmitidos em telejornais. A morte

porque solitária nunca é solidária, e isso talvez explicasse a revolta dos irmãos daquela paciente, a recusa em aceitar que o fim de tudo sempre está à nossa espreita.

– Amanhã volto ao hospital, bem cedo.

Clara abriu a porta e me abraçou, sem dizer palavra, me puxando, em seguida, pra dentro do banheiro, arrancando as roupas e se pondo logo nua. Transamos ali mesmo, em cima da privada, ela me cavalgando por cima, chegando os dois ao gozo muito rápido. Era a catarse de qualquer coisa que não fazia sentido, a síntese do nada ou o esvaziamento mútuo de nossos medos, mas que não deixava de ser bom.

Já no chuveiro, ela vinha mais relaxada ao fazer as sujeiras dos pensamentos descer ralo abaixo, sorrindo pouco pra uma boca acostumada a risos largos, os olhos apertados de descendente dos tapuias já sem verter lágrimas.

#### **4. O corpo e o anticorpo.**

Eu dando banho na Clara era uma cena bonita, dessas que gostaria de ter podido olhar de fora. Seu cabelo agora estava mais curto que o meu, um corte moderno, tudo feito por ela mesma durante a quarentena. Não é que tenha ficado bom, mas também não ficou nenhum desastre. Afinal, uma nuca é uma nuca é uma nuca... é uma nuca!

Depois de cinco anos de pura “enrolação”, eu me via aboletado na casa da Clara, sem que nunca tenha pensado em me casar com ela, ainda mais naquelas circunstâncias. Do dia pra a noite, me vi tateando as escuridões daquela mulher, tentando caber no seu apartamento sala-e-quarto, onde não havia espaço pros meus discos, meus livros e minhas excentricidades.

Na minha vez de ir pra debaixo da ducha, Clara se adiantou a falar, se secando do lado de fora. Como uma motosserra, descambou a vomitar suas agruras amazônicas, os indígenas morrendo mais do que todos com a pandemia, o fim dos povos, das línguas, dos seus amigos... ela recém-doutora e desempregada, o que ia fazer dali pra frente?

– Minha mãe andou com depressão. Agora tá medicada – Clara falou, me olhando do lado de fora, já seca e vestida.

– O que Dona Ruth tem feito pra se distrair durante a quarentena? – Perguntei.

– Nada. Parece que passa todo o dia em frente à televisão assistindo àquele programa mundo-cão, o *Linha de Frente*.

- Impossível ficar bem vendo aquilo.
- Foram eles que noticiaram o que te aconteceu.

## 5. Imunidade de rebanho.

No dia seguinte, acordei tarde de propósito porque tinha que chegar no hospital ao fim do segundo turno. Almocei um turbilhão de clichês enquanto assistia a televisão: o novo normal... é preciso se reinventar... a crise... vamos achatar a curva... porque os médicos que estão na linha de frente... a natureza tá retomando o seu espaço... fica em casa... a máscara salva... vai passar...

Me despedi de Clara e, quando fechei a porta, ainda a vi sentada no sofá, o gato no colo, as pernas cheias de nódos, as tais “manchas púrpuras”. Sim, ela sofria com aquela estranha condição, tal como imaginei da primeira vez que nos vimos: marcas secretas subindo pelo corpo, tão bem coberto pelo vestido longo branco a lhe tapar as carnes. Eu devia ser um bom médico, do tipo intuitivo, ou aquilo era premonição, a única que tive por toda a existência.

De forma neurótica, higienizei todo o painel de controle do elevador com álcool em gel, e ainda na garagem, liguei o rádio do carro tentando esquecer que a vida já não era mais uma via de mão-dupla. Funcionou: o pop, o rap e o hip-hop me dirigiram por dez minutos.

Mas, à certa altura, o noticiário enterrou minha leveza: “estamos entregues aos abutres”. O comentarista noticiava a negação da pandemia por parte do presidente, seus apoiadores protestando em Brasília pela volta da ditadura. No meio da confusão, jornalistas foram espancados, dizia o radialista, levando-me a me olhar no espelho e constatar que em torno dos meus olhos restavam apenas algumas manchas marrons, leves. O roxo evaporara.

O sinal verde me acordou com suas subsequentes buzinas. Nada de música. O locutor continuava, como quem narra um jogo de futebol: “perdemos mais enfermeiros mortos pelo SARS-Cov-2 do que Espanha e Itália juntas”, relatando, em seguida, o sofrimento nas comunidades periféricas, as pessoas proibidas de sair depois das sete da noite pelo próprio tráfico sob pena de morte.

“O Brasil não é pra amadores...” ainda o ouvi dizer, antes de desligar o aparelho e estacionar, já no hospital. Mas tão logo pus os pés ali, me deparei com um cenário de guerra,

os corredores substituídos pela sombra da morte, pessoas doentes, apinhadas, algumas falecidas.

– Já não temos espaço no necrotério.

Suei dentro da roupa de astronauta como se estivesse sob o clima equatorial de Ananindeua, o ar-condicionado quebrado. Foi quando me ocorreu que eu, o SUS e a Constituição havíamos nascido em 1988, e ainda esperávamos pela Democracia, deitados eternamente em leitos nada esplendidos. Leitos, aliás, faltosos, em salas que precisavam ser esfriadas com urgência.

O concerto veio.

Com ele, o barulho insuportável do ar-condicionado, os monitores cardíacos, as bombas de vácuo, as ligações telefônicas, o burburinho desconcertado das pessoas, os respiradores. Enfim, os respiradores.

## 6. Saturação.

Os livros de Medicina não ensinam que doença pode ter partido. Isso é coisa que os médicos precisam aprender na universidade da vida. Convidado a falar no mesmo programa que expôs meu nome, imagem e idade, o Presidente da República mostrava-se mais letal do que o corona:

– Excelentíssimo Senhor Presidente, estamos liderando o número de infectados no mundo.

– E daí?

O vírus não tinha partido, andava desfilado, passando de mão em mão e de boca em boca. Sem rosto, cara, cu, ele não defeca. É só um filete de RNA, que se reproduz à permanência e à impermanência, trocando, por vezes, a ordem das palavras, dos códigos, pra recrudescer, infectando mais e mais corpos, ceifando centenas, milhares, milhões.

E daí?

Piratária.  *Holding. Trusting. Ford. Foda.* Nunca na história do país, elegemos um estadista que tão bem nos representasse, o sangue nos olhos esbravejando preconceitos. O homem eleito alegorizava todas as nossas feridas expostas, nossas bocas espumando contra nós, pretos, índios, putas e pobres. A gente se odeia.

E daí?

Afetado e envolvido, nunca desejei tanto pode tirar a roupa, ficar de novo nu de fantasias como quando estive pela primeira vez com Clara, todos os desejos em suspenso. Quem sabe eu pudesse, enfim, voltar a dormir sem remédios, sonhar sonhos tranquilos de estar dentro da mata, fumando ervas proibidas, inalando novos ares.

– A enfermeira tirou todos os equipamentos de segurança, teve um surto de ansiedade e foi embora pra casa. Não estamos mais aguentando passar oito horas sem beber água nem fazer xixi, apenas porque não dá pra desperdiçar máscaras, toucas, avental.

Lembrei da voz da apresentadora na TV. Vai passar.

## **7. Vacina.**

Após uma semana desde o meu retorno, o hospital se entrincheirava na lotação máxima, o caos se anunciando em um paciente atípico. Nuno, 74 anos, estava há menos de 48 horas na UTI, onde chegou com febre alta, anosmia, insuficiência respiratória, cansaço. “Suspeita de covid-19”, dizia o prontuário. Mas tudo levava a crer que os sintomas eram psicossomáticos, algo até então inédito. Pelo menos pra mim. Quando cheguei, o paciente estava acordado, olhos serenos. Comecei uma entrevista clínica padrão, procedimento de praxe, na expectativa de encerrar o diagnóstico e mandá-lo logo pra casa:

– Além de omeprazol e hidralazina, faz uso constante de alguma outra substância?

– Sabes que dia é hoje? – Ele perguntou e respondeu ao mesmo tempo, ignorando meu questionário – Aniversário da Revolução dos Cravos, 25 de abril.

Não era. Já há muito tínhamos passado do mês de abril, mas nada falei a respeito, imaginando que, pela idade, talvez ele estivesse senil. Logo percebi que era um lusitano, pelo sotaque.

– Sou de Trás-os-Montes, duma aldeia que não achas no mapa.

Aquela conversa sem pé nem cabeça confirmava as suspeitas: o homem delirava. E seus devaneios faziam minha mãe falar dentro de minha cabeça, ela que há tantos meses eu não visitava porque privado de ver meus próprios parentes, a fim de poupá-los dos riscos de contaminação: hematoma comum a todos os profissionais da saúde.

Insisti com o Nuno, que continuava sem responder sobre as medicações. Compartilhou trechos esparsos de sua biografia, a participação na Revolução dos Cravos, a posterior vinda ao Brasil, logo vista com desconfiança pelos militares daqui porque, afinal, um “tuga” devia estar a planejar algo de mau.

– Prenderam-me por equívoco, isto asseguro, pois ia a um sítio onde estava um tal Francisco, cuja procedência eu desconhecia. És português? Eles logo suspeitaram quando descobriram que antes fui militar, era no ano de 1976. Tomamos eletrochoques. Encontraram minha mulher com quem eu trabalhava, aqui éramos apenas tradutores. Queriam nomes. Mais choques. Hoje olho adiante e vejo a sombra de tudo que matamos, a gente a pedir a volta dos anos de chumbo. Escreve: as máscaras são vossas novas mordagens. Sabes quem ganhou o prêmio Camões este ano? Pois o tal Francisco que procuravam era o Buarque de Holanda.

Foi quando me lembrei de Clara, a gente se conhecendo num bloco de Carnaval comandado por uma banda feminina, *Mulheres de Chico*, um estranho chamado Francisco, que também era autor premiado e, sem saber, havia determinado a vida de um imigrante português. Não, bobagem. Tudo aquilo não passava de ladainha, história de pescador, coisa de velho caduco.

A conclusão óbvia era uma só: aquele homem jamais contraiu o vírus. Nada tendo nada a fazer com um indivíduo acometido de delírio ou histeria, registrei minhas impressões no prontuário, dando-lhe alta hospitalar. Não sou psiquiatra, e se algum colega implicasse com o diagnóstico, pouco me importava. Liberamos o respirador pra uma gestante em idade materna avançada, fizemos o que deveríamos.

Após aquele breve momento lúdico, o dia voltou às turbulências. Um paciente, revoltado com o diagnóstico de coronavírus, retirou o acesso venoso e a máscara de isolamento. Gritaria, sangue escorrendo pra todos os lados. Um colega me informando que as gavetas já estavam vazias de remédios, que não havia profissionais para os hospitais de campanha, construídos às pressas pelo governo, mas por lá deveriam ter insumos. “O ar-condicionado voltou a enguiçar”, alguém gritou, anunciando a pane total do meu sistema neurológico.

Apaguei e caí. Permaneci semi-inconsciente até a manhã subsequente, quando acordei, em casa, com dois olhos imensos me observando. Era o gato.

Velho Chico, para quem eu nunca existí, pela primeira vez me surpreendeu afável:

– Rrrrrrrrrrrrrrrrr

O telefone celular, vibrando sobre a cômoda, trouxe a voz de um colega do hospital, preocupado com o estado dos meus nervos. Perguntei sobre Nuno.

– Quem?

– O português. Deixei tudo escrito no prontuário.

– Stanley – ele respondeu – sei que foi difícil. Tá sendo pra todo mundo. Mas não tínhamos escolha. Acabaram os respiradores. Salvar vidas envolve sacrifícios. O velho capotou, mas a gestante que pusemos no respirador tá bem, o bebê foi salvo. A cesárea foi um sucesso.

Enfim, entendia que o devaneio havia sido meu, quadro de covid-19 paranoide, a negação de minha própria realidade e de tudo que me vinha acontecendo. Cambaleante, fui caminhando até a sala, onde Clara, lânguida, esparramada no sofá, o *laptop* sobre o colo, fingia ver TV. Chico veio atrás, roubando a atenção da dona: recebi um mero “bom dia”, ao contrário de meu rival a quem ela encheu de beijos e carinhos.

Olhando minha mulher refestelada, senti outra vez uma epifania, tal qual aquela que tive no dia em que nos conhecemos, e a imaginei grávida, os seios cheios de leite, nós três no bloco de Carnaval que aconteceria no próximo ano ou no ano seguinte ao próximo. Lembrei, de súbito, a música que a banda tocava quando vi Clara pela primeira vez. “Uma ofegante epidemia, que se chamava Carnaval, Carnaval, Carnaval. Vai passar”.

Senti duas lágrimas transbordarem dos meus olhos, lágrimas quentes como o ar que evapora das terras amazônicas todos os dias, após as chuvas da tarde. Qualquer coisa dentro de mim nublava e eu estava prestes a precipitar fazia tempo.

## **O JOVEM QUE FICOU TRANCADO DO LADO DE FORA**

---

*Angela Moreira<sup>15</sup>*

---

<sup>15</sup> Professora de Língua Portuguesa, Literatura e Inglês, com Especialização em Língua portuguesa pela UERJ-São Gonçalo. Por seus trabalhos como poetisa, contista, contadora de histórias e trovadora já foi premiada na China, no México, e no Brasil. Participou de diversas antologias e publicou *Um Pouco de cada coisa: Contos e Poesias e outros a caminho*, além de duas peças teatrais.



**U**m jovem casal, preparava-se para o casamento, como muitos outros casais, mas a Pandemia veio para mudar tudo, e por isso tanto eles, como outros casais tiveram que adiar seus casamentos. Mas isso não impediu que eles resolvessem ir morar no aconchego do lar, que prepararam com tanto carinho.

Chegou o dia tão esperado. Finalmente iriam curtir sua casa. E no sábado pela manhã mudaram. Que felicidade, que alegria poder ver no rosto de cada um o sonho realizado.

Tudo correu como desejavam. Até que no dia seguinte aconteceu algo inusitado.

O casal acordou cedo, pois ela foi trabalhar e ele a levou até o ônibus. Ao voltar, qual não foi sua surpresa. O dispositivo que abriria a porta do prédio não funcionou. Ele ficou super nervoso, pois era domingo e não podia acordar os outros moradores. Então, foi até a portaria e o porteiro veio com a chave, nada feito: não conseguiram abrir. E, sem opção, ele pensou que o melhor era ir à casa da sua mãe, pois lá ele faria hora pra entrar em contato com alguém do prédio até que abrissem por dentro. O porteiro ainda falou que a mãe dele deveria estar dormindo. Mas o rapaz lhe disse que duvidava disso, pois sua mãe era igual coruja.

E assim ele fez, foi para a casa da mãe do jeito que estava; caminhando, sem dinheiro, sem documento, sem celular, sem a chave da casa de sua mãe e o pior de tudo, sem máscara.

Lá chegando tocou o interfone e a mãe chegou à janela. Tomou um susto, mas quando viu aquele sorriso achou que era saudade.

Pedi a chave, sem entender ela jogou a chave e ele contou o ocorrido. Com o celular de mãe entrou em contato com sua esposa, contou o ocorrido ela lhe passou o contato de um vizinho do mesmo prédio, pois o dele tinha ficado dentro do apartamento.

Esperou amanhecer e enviou a mensagem para o vizinho, que, por sinal, tinha passado pela mesma situação, mas um pouco diferente. Estava saindo para trabalhar e descobriu que estava preso do lado de dentro. Este retornou ao seu apartamento e pegou uma chave, que depois de muito tentar conseguiu sair para trabalhar. Mais tarde quando viu a mensagem do seu vizinho o avisou que a entrada estava liberada, contou o que tinha acontecido com ele e que por pouco não chegou atrasado no serviço.

Ele se despediu da mãe e retornou para sua casa, mas protegido, de máscara.

***A REVOLUÇÃO DOS BICHOS – UM SONHO DE  
IGUALDADE, DE GEORGE ORWELL***

---

*Renato Cardoso<sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup> Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores. Graduado em História e Graduando em Psicanálise pelo Centro Universitário Internacional.

**A** quem diga que uma sociedade igualitária em todos os aspectos é possível. Viver em um mundo onde a exploração e a desunião desapareceram é uma realidade ou uma utopia? Regimes totalitários ainda existem em pleno século XXI. Livros sobre o assunto existem aos montes e contam, em diferentes tempos, experiências de desigualdades vividas pela sociedade.

*A Revolução dos Bichos* é uma dessas obras literárias. Criada pelo escritor inglês George Orwell, visa a discussão dos valores humanos, assim como abuso de poder, totalitarismo, manipulação de informação e confrontos por interesses pessoais. O livro é uma crítica direta ao Stalinismo e ao seu dito regime igualitário.

A história começa com o porco Major (o animal mais antigo da granja e idealizador da revolução) convocando todos os animais da Granja Solar para uma reunião, na qual ele contaria o sonho que teve. Sabendo que não duraria mais muito tempo, pois já estava bem velho, o porco Major, descrevendo seu sonho, disse que chegaria o tempo em que os animais serão livres e farão sua grande revolução.

A obra de Orwell é uma fábula, e como toda grande fábula tem uma grande moral; nesse caso, trata-se do debate sobre a condição de igualdade entre os seres dentro do regime socialista corrompido na antiga União Soviética pós-Revolução Russa de 1917. Ele, que via com bons olhos certos aspectos do socialismo, mas rejeitava o totalitarismo soviético, usa os porcos Major, Bola de Neve e Napoleão para fazer uma alusão a Marx/Lênin, Trótski e Stálin, respectivamente.

Pautada no princípio de igualdade, nasce ali um sistema político denominado Animalismo, tendo como principal lema: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim”, determinando que todos os animais são bons e que os seres humanos são ruins. Porém, Major morre poucos dias depois.

Nos primeiros momentos da revolução, todos os desígnios são seguidos fielmente. Os bichos começam a se chamarem de camaradas, representando, assim, a igualdade entre eles. Toda e qualquer discussão é levada a plenário e sempre termina em votação.

Os porcos Bola de Neve, Napoleão e Garganta assumem o poder, pois alegam ter mais conhecimentos (já sabem ler e escrever). A revolução é planejada e detalhada em cada reunião que acontece. Um belo dia, Sr, Jones (dono da granja – um homem rude, que maltratava os animais, os explorando e dando a eles pouca comida) chega à casa bêbado e esquece de

alimentar os animais, que, revoltados com a situação, resolvem expulsar todos os humanos da granja, nascendo, assim, a revolução dos bichos.

Encontramos nos porcos citados características semelhantes as personalidades mencionadas, como por exemplo: o porco Major representando Marx e Lênin como a figura do criador do Animalismo (Socialismo), Bola de Neve tendo o poder da persuasão pertencente a Trótski e Napoleão herdando a tirania de Stálin.

Em um primeiro ato, trocam o nome da granja para Granja dos Bichos e a bandeira local por uma com cor verde e com um chifre e um casco; além disso, instituem o hino Bichos da Inglaterra como o hino da revolução. Nos fundos do celeiro, eles escrevem os sete princípios do Animalismo.

**1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.**

**2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.**

**3. Nenhum animal usará roupas.**

**4. Nenhum animal dormirá em cama.**

**5. Nenhum animal beberá álcool.**

**6. Nenhum animal matará outro animal.**

**7. Todos os animais são iguais.**

Todos os animais começam a ser alfabetizados, uns mais rápidos que os outros. A casa do Sr. Jones vira um museu e fica proibida a qualquer animal a habitar. Os dias transcorrem tranquilamente sem os humanos na granja. Todos os animais trabalham ardentemente pelo ideal que acabara de se realizar, exceto os porcos, que somente supervisionam o trabalho dos demais, pois consideram que o trabalho intelectual que exercem é mais cansativo.

Aos poucos, os privilégios dos porcos foram aparecendo e o princípio básico de igualdade desaparecendo. A produção de leite e de maçã fica somente destinada aos porcos, que alegam a necessidade de uma alimentação extra para desenvolverem melhor a organização da granja.

Na obra, vemos a corrupção ao qual o poder pode levar, e que toda sociedade, mesmo sob preceitos de igualdade, acaba sendo estratificada, dando privilégios a uns e retirando de outros. Os porcos tudo têm, os demais cada vez têm menos. Uns trabalham mais e outros não

fazem nada, exemplo maior é o Sansão, que trabalha incansavelmente, enquanto os porcos pouco fazem.

Não tardou e Sr. Jones, junto a outros humanos, tenta retomar o poder, mas logo são expulsos pelos animais. Nesse momento, um golpe está sendo tramado por Napoleão, que espera a próxima assembleia para executá-lo.

Na reunião, seguinte à expulsão de Jones, os animais decidem sobre a construção de um moinho para a fazenda. Bola de Neve, autor da ideia, é favorável, porém Napoleão não. Os animais, vendo as melhorias que o moinho trará, aceitam a ideia. Os porcos estão divididos sobre a construção e, depois de uma reunião, Napoleão expulsa Bola de Neve, sob a acusação de ajudar os humanos a tentarem retomar o poder da granja, passando, assim, a comandar o local.

Os mandamentos do Animalismo são mudados um a um em prol da soberania dos porcos. Agora associado a Garganta (porco articulador, que convence os outros animais de que a vida atual é melhor que a anterior), Napoleão mostra toda sua tirania e totalitarismo, mudando-se para casa do Sr. Jones, de onde, por absoluta ganância, resolve negociar produtos com os humanos.

Utilizando seu escudeiro fiel Garganta, Napoleão convence a todos que a ideia do moinho é originalmente dele e que Bola de Neve é um traidor, agora associado aos humanos das granjas próximas. Os animais se esforçam, trabalhando mais e comendo menos em prol da construção do moinho, que é destruído novamente, dessa vez pelos humanos.

Os animais mais antigos começam a questionar a vida na granja, dizendo que na época de Jones tudo era melhor. Eles, após acusados de traição, são mortos. A República dos Bichos é implantada, e todos os preceitos do Animalismo são subvertidos.

Na última tentativa da construção do moinho, Sansão (forte cavalo, que só sabe trabalhar) adoece e é levado para matadouro. Garganta convence os outros animais de que ele foi ao veterinário, mas o cavalo nunca mais volta.

Além de denunciar os privilégios políticos, Orwell busca mostrar, em seu livro, a censura e a idolatria. A manipulação de informações é feita com reconstrução da memória de que na época dos humanos tudo era pior (maneira encontrada para esconder a opressão causada pelos porcos) e com a alteração da imagem do Bola de Neve, que passa a ser um inimigo e estar sempre por trás de todas as ações ruins que acontecem. A idolatria é mostrada na figura do

Napoleão, quando hinos e poemas são feitos exaltando sempre a imagem do porco líder, tentando mostrar que ele estava sempre preocupado com todos os animais.

Na parte final do livro, vemos a aproximação dos porcos com os humanos (seres odiados por eles no início da obra) através da negociação de produtos e bens. A exploração dos bichos fica mais evidenciada. Os porcos são flagrados andando sobre duas patas, concluindo-se pela total humanização deles. Afinal, já não sabiam se distinguir dos humanos.

O livro tem uma linguagem simples, uma narrativa instigante e que alcança qualquer idade. Uma obra que mostra que todo e qualquer sistema existente nunca será igualitário, pois o oprimido de ontem será o opressor de amanhã. Uma narrativa atemporal, válida para os dias atuais. Uma excelente obra, de um excelente escritor.

***KARINGANAS DO ÍNDICO: QUANDO O TEXTO É  
PELE***

---

*Lívia Penedo Jacob<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ) e mestra em Estudos da Linguagem (PUC-Rio).

KHOSA, Minyetani. *Karinganas do Índico*. Maputo: Editora Kulera, 2020. Obra ainda sem publicação no Brasil. Interessados podem contatar o autor em: fcoosa6@gmail.com

Na escuridão da noite alta, à volta de uma fogueira, um grupo se reúne e todos escutam, com atenção, o mais velho dos humanos de que têm notícias. O homem deverá, em breve, narrar para a comunidade mais uma de suas histórias, inspiradas por sentimentos diversos, que podem variar do horror à comicidade, mas que sempre se revestem de incontestável sabedoria.

- Karingana ua karingana (era uma vez, era uma vez)! – Exclama o ancião.
- Karingana (era uma vez)! – Respondem-lhe os demais.

À exceção das palavras ditas em chironga, a cena reproduz um hábito por muito tempo praticado no Brasil, mas que, com o avanço da industrialização, hoje praticamente se restringe às zonas rurais, quilombos e aldeias indígenas. Nos espaços urbanizados de nosso “ocidente marginal”, a tradição de contar histórias também resiste; contudo, reconfigura-se, seja no formato roda de leitura, seja de maneira performática, conduzida por um/a contador/a de histórias profissional. Mas em nossa literatura escrita, a oralidade também se ressignifica, emergindo enquanto estilo, escolha cada vez mais corriqueira entre autores que pretendem valorizar suas ancestralidades, a exemplo do que faz Conceição Evaristo (1946 – ), em *Olhos d’água*, e Daniel Munduruku (1964 – ), em *Memórias de índio - uma quase autobiografia*.

No contexto da literatura moçambicana, observamos fenômeno similar nas obras de autores consagrados, dentre os quais cito Mia Couto (1955 – ) e José Craveirinha (1922 – 2003). Ainda desconhecido no Brasil, o recém-lançado escritor Minyetani Khosa envereda pelos mesmos caminhos em seu livro de estreia, conforme indica o título da obra, *Karinganas do Índico*, que além de fazer uma referência direta à literatura oral, homenageia Craveirinha, autor de *Karingana ua karingana* (1974). Na sua karingana, que se propõe uma coletânea de contos, Khosa não se prende às formalidades exigidas por nenhum gênero literário específico, optando por adotar uma linguagem fluida e direta. A informalidade é, aliás, um trunfo da obra, visto que transporta, para junto da narrativa, mesmo aquele leitor ignorante quanto ao contexto moçambicano.

E se as histórias que pela tradição são contadas junto às fogueiras quase sempre trazem um teor educativo, essas karinganas se permeiam por uma ética, graças à qual conseguimos



entrever os choques civilizacionais de uma nação cuja independência tardia (1975) produz consequências desastrosas até os dias atuais. Esses “ecos da colonização” são feridas expostas desde o primeiro conto, intitulado “A cidade imparável”, retrato de uma grande cidade moçambicana (Maputo, supõe-se), assolada, em 2020, por um vírus letal, mas incapaz de seguir os protocolos sanitários internacionais devido ao negacionismo da população e à inércia governamental. Nesse contexto, a peste transformou a cidade dos mascarados em cidade fantasma, “órfã de um narrador que fosse para contar a história em primeira pessoa”, realidade que em muito se assemelha às mazelas sociais brasileiras.

Esse tom, que vagueia entre a crítica política e o retorno à ancestralidade, permeia toda a obra de Khosa. Dessa forma, os fantasmas, tão presentes nas nossas *histórias de trancoso*, e que – assim o suponho – devem ser igualmente recorrentes nas tradições orais moçambicanas, transformam-se num outro tipo de alma penada: são os negacionistas, mortos porque não acreditaram na existência do vírus letal; são os relacionamentos putrefatos, minados por uma cultura patriarcal que privilegia as orgias masculinas em detrimento da família; são as memórias de mais de uma década de guerra pela independência, o horror!

Destaco, nesse exercício de rememoração, o conto “À volta do Xiphifu (lâmparina, em idioma local)”, que narra uma queda súbita e prolongada de luz, episódio, aparentemente banal, ocorrido ainda durante o isolamento forçado pelo sars-Cov 19. Ocasão perfeita para dar voz à Vovó Xiluva, matriarca que, reproduzindo a tradição de sentar-se em frente a fogueira para contar histórias, trará à tona vários episódios ocorridos durante aqueles anos de trevas da chamada Luta Armada de Libertação Nacional.

Lembranças não menos infelizes remetem o leitor aos tempos da escravização, conforme lemos em “Nas viúvas do rei”, um conto, supostamente contado pelo bisavô do narrador, que, “depois de fumar aquele *nyau* de folhas secas com um odor forte, tossiu ao ponto de expelir gases fedorentos, acolhidos por uma gargalhada da assembleia”. Síntese dos antigos contadores de histórias, é por meio dessa personagem que inevitavelmente recordamos dos antigos reinados de Moçambique, desde os Mwenemutapas – primeiros povos que lutaram contra a ocupação de Vasco da Gama – até o Império de Gaza – resistência constituída no século XIX e à qual se refere a narrativa de Khosa. Vale ressaltar que essa lembrança de reis africanos escravizados junto à família – daí o título do conto – e levados para terras distantes é muito

presente na oralidade brasileira, a exemplo de Chico Rei, o Galanga, personagem tradicional de Minas Gerais, cuja historicidade segue debatida.

Com passados coloniais distintos, porém tangenciais, não é de se estranhar que encontremos, nessa obra moçambicana, outras problemáticas sociais corriqueiras no Brasil, tal como as gravidezes não planejadas (em “Tunguinha”), a assimetria entre homens e mulheres no que tange à liberdade sexual (em “A desilusão” e “O triângulo amoroso”), o alcoolismo (em “Mafavuka”) e a incidência de estupros no próprio seio familiar (em “Nhembety” e “Sonhos trucidados”). Em suma, narrativas simples, acessíveis, quase sempre entremeadas por ditados populares que eventualmente se repetem – “no melhor pano cai a nódoa” ou “a desgraça nunca morre solteira” – num jogo em que a oralidade se reveste da escrita, fazendo desta uma roupa para a sua pele, nua e crua. Não há dúvidas de que essas *Karinganas* merecem atravessar os mares; afinal, nos revelam que entre o Atlântico e o Índico, nada é pacífico.

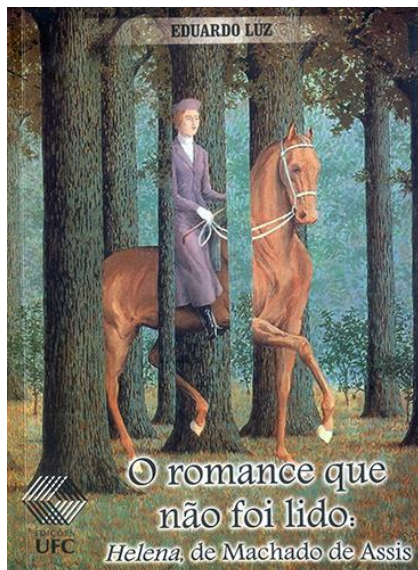
## **O ROMANCE QUE NÃO FOI LIDO<sup>18</sup>**

---

*Juliane Elesbão*

---

<sup>18</sup> LUZ, Eduardo. O romance que não foi lido: *Helena*, de Machado de Assis. Fortaleza: Edições UFC, 2017.



A abordagem da ficção machadiana – especificamente do romance *Helena* – que lemos em *O romance que não foi lido* apresenta-se original e, podemos dizer, audaciosa, sobretudo pela análise heterodoxa baseada numa metodologia de leitura rente ao texto, conhecida como *close reading* – procedimento de leitura que se atenta aos pormenores textuais e linguísticos no corpo a corpo com cada palavra, num processo assemelhado à decifração de um enigma, e que nos põe como Édipo frente à esfinge.

A partir desse procedimento metodológico, o professor Eduardo Luz revela-nos uma outra obra, que, até então, havia sido julgada por um consenso crítico preso às convenções românticas, que a classificam como pertencente a uma primeira fase de Machado de Assis, fase essa que seria de aprendizagem, destituída, portanto, da brilhante maturidade intelectual e literária do escritor identificada em obras posteriores, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Na contramão dessa leitura mais ortodoxa, já convencionada, e inconformado com o entendimento romântico sobre a obra, Luz dá sequência aos seus estudos acerca da obra machadiana para nos apresentar um “romance que não foi lido”.

Assim, é-nos delineado o jogo de imposturas do narrador de *Helena*, cuja atuação é responsável pelos efeitos produzidos sobre o leitor; logo, é constatado um narrador “onisciente, mas que finge não saber”, “que oferece perspectivas parciais” da narrativa. Ao analisar esse elemento estrutural, o autor destaca a consciência que Machado tinha da força de atuação da instância narrativa e do domínio hermenêutico que esta (até) deixa mostrar em *Helena*.

Além disso, há duas linhas prospectivas que também orientam o trabalho: a primeira diz respeito à técnica da *aemulatio*, recurso de composição que parte de um modelo prévio, mas com o acréscimo de elementos ou dados novos. No caso de Machado, conforme o estudo de Eduardo Luz, a técnica da emulação resultou numa espécie de bricolagem de três tragédias gregas que contemplam o mito de *Electra*, a qual teria sido incorporada à tessitura machadiana. Seriam elas *Coéforas*, de Ésquilo; *Electra*, de Sófocles; e *Electra*, de Eurípides. A segunda linha prospectiva deriva dos *insights* intuídos por alguns estudiosos de Machado, como José

Aderaldo Castello, Regina Zilberman e Helen Caldwell, que demonstraram uma percepção que transpassava “a aparente simplicidade de uma intriga quase detetivesca”, mas que não foi devidamente desenvolvida por conta justamente da leitura romântica que a orientava.

Partindo de tais perspectivas, temos a vingança e o incesto como as principais motivações para a intriga do referido romance. A protagonista age movida pelo desejo de vingança contra a família de seu falecido padrasto, o Conselheiro Aires, que matara simbolicamente Salvador, pai biológico de Helena, ao adotá-la e unir-se à sua mãe Ângela. Apaixonada pelo seu pai sanguíneo, a Electra de Machado trama um plano para destruir Estácio, seu irmão adotivo. No entanto, tal missão terá um desfecho “soberanamente infeliz”, visto que Helena converte-se “na causa do próprio mal”, precipitando-se para a própria perda.



Para dar corpo a esse trabalho de inteligência e necessário esforço, *O romance que não foi lido* está dividido em três partes, a saber: uma introdução intitulada “O que Machado de Assis fez”, em que tomamos ciência do aporte teórico que alicerça a pesquisa de Luz; o desenvolvimento, composto por notas de leitura que dão conta da análise heterodoxa proposta, rotulado “Como Machado de Assis fez”; e, por fim, uma conclusão intitulada “O que Machado de Assis é”, que sintetiza todo o percurso reflexivo e enfatiza que o Bruxo do Cosme Velho “não foi romântico e não foi realista”, ele foi “machadiano”, citando Gustavo Bernardo.

Com esse trabalho árduo de pesquisa que se propõe emancipador de *Helena*, a impressão que fica é a de que estamos a aprender a ler Machado do modo como ele gostaria de ser lido. Por fim, a genialidade do Bruxo é mais uma vez confirmada com o engenhoso trabalho de Eduardo Luz, que nos mostra que o referido romance é mais uma das primorosas elaborações literárias machadianas.

## **O FIO DE ARIADNE**

---

*Oswaldo Eurico<sup>19</sup>*

---

<sup>19</sup> Graduado em Letras (Português e Literaturas) na Universidade Federal Fluminense. Atua como professor de Língua Portuguesa, Literatura e Produção de Texto na rede privada e na rede pública estadual nos municípios de Itaboraí e São Gonçalo em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. É artista plástico com trabalho voltado para pintura, e manipulação de imagens digitais.

**E**xistem pessoas que sonham acordadas, outras que nem lembram do que sonharam à noite. Sou do primeiro grupo, embora o Belchior já nos tenha dito na voz da Elis Regina “viver é melhor que sonhar”. Concordo! Vivo sonhando enquanto vivo e vivo enquanto sonho. Uma combinação perfeita!

Tudo aconteceu por causa desse jeito com os pés na Terra, os olhos no Céu, um olho no padre, outro na missa. Eu conto para vocês!

Estava na Grécia! De vez em quando, viajo para lá. Dessa vez, conheci Ariadne, a filha de Minos. Os cachos perto das orelhas conduziam meu olhar. A história seguia e eu seguia o seu fio para não me perder nas vielas desse mundo. Estive em vários lugares procurando a princesa escondida nas tramas da história. Procurei emoções fortes. Sobrevivi a envenenamento em Verona. Suportei o calor do Egito, mas não as serpentes encantadas e nem consegui decifrar o enigma da esfinge. No Ceará, procurei alguém com os lábios de mel, mas um português chegou antes. Voltei para a África no ritmo e nas cores de um coração corajoso capaz de matar um leão a cada dia para descansar a noite entre véus e turbantes coloridos. Na Índia, os temperos e os perfumes me envolviam. Os tigres traiçoeiros me atacavam e eu nem bengala tinha. Consegui chegar ao Japão. Os olhos de gueixa não me enxergavam. Saí debaixo das cerejeiras. Fui cantar no alto da palmeira.

Numa tarde, ela apareceu com seus caracóis ao lado das orelhas e conversando com sua amiga. Interessante ter nome de flor e conversar com alguém cujo nome significa “abelha”. A Rosa e a Débora! A minha flor da Ádria não notou o meu olhar, mas a visão aguçada da sua amiga percebeu minhas intenções misteriosas como a noite, mas claras como o dia. Depende de quem vê. Entrei no templo e procurei o altar de pedras douradas. Não faria nenhum sacrifício, mas foi difícil deixar a musa do lado de fora. O serviço religioso me chamava.

Não sou Odisseu. Não tenho filho Telêmaco. Atenas não me protege. Poseidon não está com raiva de mim. Nem os conheço para falar a verdade. Hoje temos outros deuses ainda mais humanos em suas paixões. Prefiro negá-los. Sou da exclusividade. Sou da simplicidade. Os hebreus combinam com meu pensamento e modo de vida. A Grécia serve para embelezar a linguagem e situar a todos quando se quer insistentemente ser ocidental. É o berço clássico, zona de conforto artístico e intelectual. Vamos desenrolando a história, desatando seus nós. Às vezes, a linha endurece e vira chicote. Pavio de vela, pavio de dinamite. Um explosões, umas

chamuscadas e algumas chibatadas. É o preço para se tecer a malha da vida. Com fios emendados, felpudos de um lado e gastos de outros vamos criando o tecido de cobrir a existência debaixo do sol. Procurei alguém para me ajudar na trama de viver. Ofereci minha lã, meu linho, meu sisal. Apareceu outro com fibras óticas em roupas sintéticas. A Rosa foi pra outro jarro.

Deixei o tecido dobrado num canto e fui para outros ofícios. Quebrei pedras e construí castelos de proteção. Criei móveis de madeiras e de ossos. Consegui janelas quase invisíveis de cristal. Era um general agora! O movimento astuto da serpente, os passos surpreendentes dos felinos e o voo rasante das águias. E seguia meu caminho com passos pesados e enormes marfins. Esmaguei muito. Derrubei árvores e arremessei muita coisa pela frente. Não enxergava direito, mas ouvia até os sons ainda sem som. Metálico forjei armas de puro aço temperado. Ácido espelho de separar imagens! De um lado o duelo, de outra a sagração. O coração ferido. O ombro tocado. O porte altivo e a coroação. Na cabeça mais metais. Nos cofres também.

Um arauto chega! Traz a notícia repentina da paz. Desço do trono e caminho para fora do palácio. Sigo em frente. Não tenho mais confrontos. Não mais embates. O minotauro está morto. Olho por cima da arquitetura de Dédalo e vejo como era fácil sair de lá. Descobri que ainda tenho fios de vida para muita trama. De mãos dadas com ela estamos fazendo os tapetes voadores cotidianos. Quando é preciso, vão para o chão com cuidado. Na parede ficam pendurados contanto narrativas sem palavras. Se fica enrolado, é por pouco tempo. Muitas vezes é preciso bater com força nele para livrá-lo da poeira da mesmice. Um bom jato d'água fria leva embora toda a sujeira. Um banho de sol e ele volta novíssimo para o nosso lar. Compramos a preço alto um estoque de todo tipo de fibras naturais para remendos e bordados. Usamos também para redes de pesca de amigos e mosquiteiros impenetráveis dos nossos dóceis. Ariadne não usa tesouras, pois não acredita no destino. Ela segue seu caminho com um escritor mortal ao seu lado também mortal até o fio da história acabar.



**Acesse:**

---

[www.entrepoetasepoesias.com.br/suplementoaraca](http://www.entrepoetasepoesias.com.br/suplementoaraca)

**Apoio:**

---

